

MARCELO DO NASCIMENTO MELCHIOR

**WATÉBRÉMI XAVANTE: UMA APROXIMAÇÃO AO MUNDO DA CRIANÇA  
INDÍGENA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Educação pela Universidade Católica Dom Bosco como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Educação. Tendo obtido a nota 9,0 (nove).

**Área de Concentração:** Diversidade Cultural e Educação Escolar indígena

**Orientador:** Prof. Dr. Antônio Jacó Brand.

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO**  
**Campo Grande**  
**2008**

**WATÉBRÉMI XAVANTE: UMA APROXIMAÇÃO AO MUNDO DA CRIANÇA  
INDÍGENA**

MARCELO DO NASCIMENTO MELCHIOR

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof. Dr. Antônio Jacó Brand UCDB

---

Profª. Dra. Marina Vinha UCDB

---

Profª. Dra. Clarice Cohn UFSCAR/USP

... À sociedade Xavante, povo ousado e guerreiro.

## **AGRADECIMENTOS**

Àgradeço a CAPES pela concessão da bolsa, que me foi de fundamental importância para a realização do meu trabalho; sem esse auxílio não teria possibilidades de concretizar a minha pesquisa.

De uma maneira peculiar, não podendo esquecer uma pessoa que estive sempre ao meu lado em todos os momentos, bons ou não, e dando-me apoio constante! Embora tivéssemos inúmeras divergências de pensamento. Sinto algo único por ela...OBRIGADO MÃE!!! Em dois momentos de ‘crise’ com a dissertação, ela esteve diretamente ao meu lado, incentivando-me e cobrando-me, agradeço-lhe imensamente por tudo. Você é extremamente importante em minha vida!

Faço memória a meu pai que ha sete anos não se faz presente em nosso meio, porém com toda certeza, sinto sua presença, segurando-me mão, e principalmente dando-me forças que pudesse superar os desafios. NUNCA TE ESQUECEREI, JOÃO MELCHIOR FILHO – PAIZÃO!!!

Agradeço ao Alcides e ao Constâncio, dois amigos xavante que foram meus informantes no decorrer da pesquisa, e em nome deles, estendo meus agradecimentos aos demais xavante da Colônia Indígena de Sangradouro.

Meu orientador Dr. Antônio Jacó Brand que esteve acompanhando-me em todo o desenrolar desta pesquisa, e com muita calma, tranquilidade e serenidade transmitiu seu conhecimento, sendo realmente um mestre como orientador. A você meu muito obrigado!

Agradeço a todos os professores do mestrado pela dedicação, empenho e competência na preparação das aulas. E de um modo particular, à professora Dra. Margarita Victória Rodriguez que desde a graduação, incentivou-me a ingressar no mestrado. Seu apoio foi fundamental. Obrigado pelo crédito depositado, professora!!!

## Uma primeira contribuição de Manoel de Barros

A menina apareceu grávida de um gavião.

Veio falou para a mãe: O gavião me desmoçou.

A mãe disse: Você vai parir uma árvore para  
a gente comer goiaba nela.

E comeram goiaba.

Naquele tempo de dantes não havia limites  
para ser.

Se a gente encostava em ser ave ganhava o  
poder de alçar.

Se a gente falasse a partir de um córrego  
a gente pegava murmúrios.

Não havia comportamento de estar.

Urubus conversavam sobre auroras

Pessoas viravam arvores

Pedras viraram rouxinóis.

Depois veio a ordem das coisas e as pedras  
têm que rolar seu destino de pedra para o resto  
dos tempos.

Só as palavras não foram castigadas com  
a ordem natural das coisas.

As palavras continuam com seus deslimites.

(trecho de *Retrato do artista quando coisa* - para ser lido com "A floresta de cristal"...)

MELCHIOR, Marcelo do Nascimento. 'Watebreimi Xavante: uma aproximação ao mundo da criança indígena. Campo Grande, 2008. 88 p. Dissertação (Mestrado) Universidade Católica Dom Bosco.

## **RESUMO**

### **WATÉBRÉMI XAVANTE: UMA APROXIMAÇÃO AO MUNDO DA CRIANÇA INDÍGENA**

A pesquisa buscou compreender e conhecer as crianças xavante no cotidiano da aldeia de Sangradouro, no Município de General Carneiro MT, evidenciando suas ações, formas e jeitos próprios de agir. Desse modo, descrevo o dia a dia da criança xavante na aldeia: como brinca, como é inserida no mundo dos adultos, com quem e como se relaciona, o que faz, o que não faz. A partir desse olhar, compreendo a criança com um ser ativo e importante dentro do grupo, no qual é respeitada pelos adultos e, desse modo, se insere no processo educativo próprio do grupo étnico. Faço uma análise etnográfica da criança, observando suas manifestações cotidianas no espaço interno da aldeia. Analiso, também, as interações sociais realizadas entre as próprias crianças. A criança xavante possui características particulares próprias e específicas, expressas nas brincadeiras, nas interações com os demais membros. Expressa-se com espontaneidade e liberdade, tornando-se únicas em suas ações. Desse modo, a vida da criança xavante é alegre, o que gera um aprendizado de tudo o que está na aldeia. Tudo o que acontece na aldeia é fonte de conhecimento para ela. Desse modo, a criança Xavante é ator capaz de criar e modificar a sua cultura. Mesmo estando inserida e fazendo parte do mundo dos adultos, ela, também, contribui nesse processo de interação social. A pesquisa, através dos registros etnográficos da forma de ser criança num espaço cultural próprio e específico, traz uma significativa contribuição ao conhecimento do campo educacional, histórico-antropológico da sociedade xavante.

Palavras-chave: Crianças xavante, relações sociais, processos de aprendizagem

MELCHIOR, Marcelo do Nascimento. `WATÉBRÉMI XAVANTE: AN APPROACH TO THE WORLD OF THE ABORIGINAL CHILD. Campo Grande, 2008. 88 p. Dissertação (Mestrado) Universidade Católica Dom Bosco.

## ABSTRACT

`WATÉBRÉMI XAVANTE: AN APPROACH TO THE WORLD OF THE ABORIGINAL

The research looked for to understand and know the children “Xavante” on the day by day of the village from Sangradouro, in the city of General Carneiro MT, evidencing their actions, forms and own ways to act. On this way, I describe the day by day of the “Xavante” child in the village: the way how they play, how they are inserted in the world of the adults, with who and how they have their relations to each other, what they do, and don’t do. From this point of view, I understand the child like a active person and important inside the group, where they are respected by the adults and, in this way, insert themselves on the own educator process of the ethnic group. I do an ethnographic analysis of the child, observing their daily manifestations in the village. I analyse, also, the social interations between the own children. The child “Xavante” has particular characteristics and especifics, expressed on the jokes, on the interations with the other members. Express themselves with and spontaneity and liberty, becoming them single in their actions. On this way, the life of the child “Xavante” is happy, what create a learning of everything in the village. Everything that happens in the village is source of knowlegde to the children. On this way, the children “Xavante” are actors able to create and change their culture. Even being inserted and making part of the world of the adults, they, also, contribute in this process of social interation. The research, through the ethinographic registers of the way to be child in an own and specific cultural space, bring a significant contribution to the knowledge of educational matter, historical-anthropologic of the “Xavante” society.

Key-words: Children “Xavante”, social relations, learning process.



## **SIGLAS E ABREVIACÕES**

CAPES – Centro de Aperfeiçoamento de Pessoal em Nível Superior

CEE/MT – Conselho Estadual de Educação de Mato Grosso

CIMI – Conselho Indigenista Missionário

FUNAI – Fundação Nacional do Índio

FUNASA – Fundação Nacional de Saúde

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais ISA – Instituto Sócio Ambiental

LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC – Ministério da Educação e do Desporto

PNE – Plano Nacional de Educação

RCNE/INDÍGENA – Referencial Nacional Curricular para as Escolas Indígenas

SED/MT – Secretaria de Estado de Educação do Mato Grosso

SEMED – Secretaria Municipal de Educação

SIL – *Summer Institute of linguistics* / Sociedade Internacional de Linguística

SPI – Sistema de Proteção ao Índio

UNI – União das Nações Indígenas

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO I.....</b>	<b>17</b>
A ALDEIA XAVANTE DE SANGRADOURO MATO GROSSO.....	20
<b>1.1 Origem do Povo Xavante – Panorama Histórico .....</b>	<b>20</b>
<b>1.2 Panorama Histórico da Aldeia de Sangradouro – Suas Origens.....</b>	<b>24</b>
<b>1.3 A Educação Escolar em Sangradouro MT. Os Primeiros Contatos Com as crianças Xavante.....</b>	<b>27</b>
<b>1.4 Sangradouro Hoje – 2007 .....</b>	<b>30</b>
<b>CAPÍTULO II .....</b>	<b>32</b>
AS CRIANÇAS INDÍGENAS E AS CONTRIBUIÇÕES ANTROPOLÓGICAS.....	32
<b>2.1 Criança xavante e o seu Universo Simbólico Referencial .....</b>	<b>36</b>
<b>2.2 As Relações Sócio-Culturais que as Crianças Xavante estabelecem entre si.....</b>	<b>39</b>
<b>2.3 O ir e vir na aldeia.... ..</b>	<b>49</b>
<b>CAPÍTULO III.....</b>	<b>55</b>
A CONCEPÇÃO DE CRIANÇA XAVANTE ANTERIOR AO NASCIMENTO.....	55
<b>3.1 A Criança xavante e as interações no grupo .....</b>	<b>60</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>68</b>

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa está centrada no estudo da criança xavante, tendo como referência, levantamentos realizados na Aldeia de Sangradouro, Município de General Carneiro, no Km 285, no Estado de Mato Grosso.

O interesse por esse objeto de pesquisa perpassa toda minha história acadêmica e pessoal. Como tenho um passado, vivo intensamente o presente e projeto meu futuro. Antes de detalhar a investigação realizada, quero explicitar a minha relação pessoal com a realidade dos xavante: venho de uma família simples, que buscou fornecer uma educação voltada para os valores éticos, de como eu deveria me inserir na sociedade, praticando a justiça social e sendo honesto. Sou o filho mais velho, tendo mais dois irmãos, uma de vinte e quatro anos e o último de vinte. Ambos muito importantes para mim.

Nasci em Barra do Garças, uma pequena cidade a leste do Estado de Mato Grosso, na qual mantive uma relação de troca cultural muito significativa, no que se refere aos índios e garimpeiros. Isso porque a cidade formou-se do encontro entre os índios bororo e garimpeiros, vindos ambos, dos mais variados Estados brasileiros. Logo depois chegaram, também, os xavante, vindos de Goiás.

Barra do Garças era e continua sendo o ponto de referência médica e alimentar para muitas aldeias. É muito comum a convivência com os índios. O contato com os índios era muito interessante a meus olhos, pois, quando criança, os achava muito bonitos, pelos enfeites, modo de agir, pinturas, força, enfim, pelas manifestações diferentes da minha.

Em uma ocasião, disse a meu pai que gostaria de ser um índio xavante e morar na aldeia. Ele perguntou-me por que ser índio e morar na aldeia? Ao que eu respondi, que era porque eles são fortes e eu queria ser forte também.

Daí em diante, a proximidade foi aumentando, quantitativamente. Em 2000 tomei uma decisão que mudou, em todos os sentidos, muitos de meus planos anteriores,

relativamente àquilo que pensava para o meu futuro. Resolvi entrar para a vida religiosa salesiana. Passei cinco anos de minha vida num mundo diferente. Período em que o contato, principalmente com os xavante, se intensificou. Visitas e projetos na aldeia eram realizados constantemente. Pude conhecer um pouco mais a cultura xavante e sua organização social, visto que tudo o que é novo causa uma certa admiração e entusiasmo.

Muitos empecilhos enfrentei, durante essa longa jornada que se iniciou, particularmente, em 2002: desde a distância, à dificuldade financeira de manter-me numa capital, sem incentivos e de conciliar os diversos trabalhos, nas mais variadas escolas, seja na rede pública, como na privada. Trabalhei em todos os níveis, muitas vezes sendo até excluído de algumas atividades da escola por estar fazendo “mestrado”, pois, segundo a coordenação pedagógica, o professor que faz “mestrado” se torna ausente das práticas escolares com os alunos. Ou seja, são gerados distanciamentos entre o professor que não atua como pesquisador e o que opta por atuar desse modo.

Na rede privada sugaram a “minha vida” e em momento algum, recebi incentivo para dar continuidade ao mestrado. Em janeiro de 2006, voltando das férias, a direção da escola chamou-me, após muitos elogios, informou-me que estava demitido por estar fazendo “mestrado”. Em 2006, já como aluno regular do Programa de pós-graduação em educação, obtive um incentivo que foi fundamental para dar continuidade aos meus estudos. Consegui uma bolsa. Sem ela teria sido praticamente impossível continuar.

No decorrer do período em que fazia as disciplinas para obtenção dos créditos necessários ao curso, deparei-me com muitos questionamentos, dúvidas, crises, mas, enfim, progressivamente foram sendo definidos os rumos da pesquisa. Hoje, após ter efetuado o trabalho de campo, afirmo que conviver com a diferença, ainda é algo complexo, até mesmo para aqueles que, na teoria, falam da diferença, porém, em decorrência de relações de poder acabam marginalizando aqueles que são diferentes.

Escrever sobre esse tema é uma forma de contribuir com discussões ainda hoje pouco trabalhadas, ou melhor pouco aceitas no ambiente escolar brasileiro. Configura-se como um modo de valorizar as relações sociais não aceitas pela ordem hierárquica estabelecida. Nessa perspectiva, apresento, de uma forma simples porém singular, um “olhar” sobre as crianças indígenas xavante, de Sangradouro, no Estado de Mato Grosso.

No decorrer das idas e vindas à aldeia, fui estabelecendo um laço de integração e admiração pela significativa forma de vida dos xavante. E, quase sempre, quando chegava na aldeia, os primeiros que iam ao meu encontro, bem como estavam no centro da aldeia, o Warã, eram as crianças. Comecei a percebê-las de um modo diferente. Pois até então, eu as

via na aldeia como 'simples' crianças. Em momento algum, percebi as crianças, enquanto um grupo social, com participação ativa e fundamental dentro da etnia. Até então, as crianças xavante, ao meu olhar, eram apenas crianças, sem 'tanta importância'.

Busquei, a partir desse olhar, bibliografias que abordassem a temática, à luz da educação, história e antropologia. A partir das leituras comecei a compreender como era importante a criança dentro da sociedade xavante. Ao dialogar com anciãos e jovens de Sangradouro e, em conversas informais, comecei a indagá-los a respeito de como são vistas as crianças. Principalmente, tentando notar a importância que os mesmos davam a elas.

Segundo os apontamentos que um ancião fez sobre a importância da criança dentro do grupo, ela é autor e personagem extremamente significativa do ponto de vista cultural e social. A criança xavante, na visão dos anciãos, é um ser ativo e atuante.

Foi o momento decisivo na definição de meu objeto de estudo: as crianças configuravam-se como um importante argumento de pesquisa. Optei por focar a criança através de um trabalho etnográfico, observador, no qual para que eu pudesse ver e perceber de perto o dia a dia da criança xavante. O estudo teve como objetivos específicos saber como: a) as crianças xavante viviam; b) Como brincavam; c) Como elas se manifestavam dentro do grupo d) Como interagem entre si; e) Como se expressavam bem como suas interações de âmbito familiar e social.

Foi a partir desses questionamentos de estudos, que direcionei a pesquisa, considerando como objetivo geral do estudo compreender o universo simbólico e referencial da criança xavante, de Sangradouro.

O projeto de pesquisa buscou compreender a criança xavante da aldeia de Sangradouro, fazendo uma aproximação ao seu mundo tendo as seguintes problematizações: a) o que fazem? b) Como se manifestam? c) Quais são suas relações sociais, e suas formas de pensar e agir dentro do grupo? d) É possível olhar a criança como um ser ativo e importante?

Tudo o que se passa na aldeia gera conhecimento, sendo que as experiências da vida, o dia a dia, as brincadeiras, os rituais, enfim, o cotidiano como um todo é extremamente importante, proporcionando legitimidade dentro da educação tradicional. A criança vive em contínuo relacionamento com sua família e membros do grupo.

Vários autores (CORSARO,1997; LOPES,2002; NUNES,2000; COHN,2002;) afirmam que as crianças, estando em contato umas com as outras, vivem, continuamente, num processo de aprendizagem e trocas de experiências. A aprendizagem se manifesta umas com as outras nos espaços e nos momentos de convivência em comum, em que existe produção cultural e nos quais há uma partilha de experiências na relação com seus pares, sejam

conhecimentos processados pelos adultos e transferidos para as crianças, ou aqueles que elas mesmas produzem na interação umas com as outras.

As crianças são capazes de produzir conceitos e retransmiti-los, interpretando-os, dando novos sentidos às relações que são estabelecidas com o mundo, com elas mesmas e com os adultos. Faz sentido um estudo aprofundado a respeito desses indivíduos, buscando compreender melhor o seu universo simbólico e referencial como meio de reflexão e interpretação desse cotidiano.

A etnografia configura-se como necessária para descrever o processo de desenvolvimento da criança, buscando compreender o seu “mundo”, segundo os valores histórico-culturais da sociedade xavante.

Sendo a metodologia utilizada na pesquisa, e de caráter etnográfico, e o método, o de observação. Foram anotadas as manifestações e o modo de ser das crianças em seu dia a dia. Outro material utilizado, foi a fotografia para ilustrar e caracterizar esses momentos. Foram realizadas dez visitas à aldeia de Sangradouro para a realização da pesquisa no período de 2005 a 2007, em média oito a dez dias dentro da aldeia. Priorizei os meses de dezembro, fevereiro, junho e julho para coletar os dados em campo, em contato direto com as crianças da aldeia. Em dois encontros, dormi na casa dos adolescentes “WAPTÉ” e nas demais visitas estabeleci-me na casa da missão.

Para compreender melhor a dinâmica da educação xavante, a escola também foi observada, porém os momentos observados não serão aqui aprofundados por se tratarem da educação formal que não se configura como objeto da pesquisa. Buscando a compreensão do universo simbólico da criança, decorrem, neste momento, várias pesquisas, entre os xavante. Fator esse interessante pois, analisando as crianças podemos obter muitas interpretações e compreensões do mundo. As crianças estão, continuamente, observando o mundo dos adultos e em muitos momentos, também, elas participam de algumas ações. Desde cedo a criança é envolvida em práticas culturais, passando elas a ter responsabilidade e coragem, frente aos desafios vindouros. Muitas contribuições podem ser obtidas ao aproximar-nos do “mundo” das crianças, respeitando e aceitando-as como sujeitos ativos e importantes na sociedade.

Inúmeros são os desafios que as crianças xavante vivem, num contexto de transformações e processos de não entendimento da própria cultura. Uma cultura que não é estática, mas resultado de constantes negociações com outras culturas, a partir da realidade em que vivem, “toda questão humana deveria ser pensada a partir da perspectiva das diferentes espacialidades” (SKLIAR, 2005, p.97)

As crianças estão presentes em todos os momentos da sociedade xavante, participando de forma ativa dos rituais e manifestações culturais do grupo. As expressões simbólicas fazem referência a fatores importantes da cultura tradicional, processo esse que nos remete a uma educação, a partir da identidade de cada um. As `WATÉBRÉMI<sup>1</sup> xavante são agentes fundamentais “(...) não são apenas sujeitos passivos de estruturas e processos sociais” (LOPES, 2002,p.18). Desse modo, são quebrados alguns paradigmas, principalmente aqueles que os adultos trazem consigo, demonstrando e transmitindo uma postura de “portadores do conhecimento”.

Nessa dissertação abordamos a valorização da criança enquanto membro ativo da sociedade xavante.

A história comprova que algo tido como uma “verdade absoluta” deixa de o ser com o passar de alguns anos, ou seja, tudo está em mudança. Os fatores culturais são dinâmicos, proporcionando um outro modo de interpretação da realidade.

Crianças diferentes em diferentes circunstâncias podem estar associadas a diferentes recursos materiais - o que produz não “a criança”, mas muitas visões possíveis de infância. Seus corpos podem, ou não, segundo algumas versões da infância, ser cruciais. (...) é necessário examinar os limites corporais das crianças e o modo como são experimentados, construídos e alterados pelas interpretações e pelas traduções dos adultos (JAMES, JENKS E PROUT, 1997, p.168).

Compreender o universo infantil indígena nos possibilita um olhar fundamentado a partir da identidade e diferença desse grupo etário, onde descobertas são obtidas a partir da visão que as próprias crianças possuem a respeito do mundo e da realidade que as cercam.

Foram fundamentais no processo de análise dos dados etnográficos os seguintes autores: GEERTZ, (1989; 2006); MAYBURY, (1974); LOPES (2002); COHN (2000;2005); NUNES (2000), e outros. A pesquisa busca fazer uma aproximação ao universo simbólico e referencial das crianças xavante de Sangradouro, dentro de um tempo e espaço próprio no qual ela está inserida.

A criança, quando analisada em suas complexidades, poderá contribuir para respostas a fatores condicionantes que o indivíduo, quando adulto, vivencia. A criança é um ser produtor de cultura e isso é uma característica de sua condição social, na qual estão envolvidos fatores que perpassarão sua construção de identidade.

O trabalho está assim construído:

---

<sup>1</sup> `Watébrémi na língua Xavante significa criança de 1 à 6 anos aproximadamente.

- no **primeiro capítulo**, traço um breve panorama histórico dos xavante e de sua chegada a Sangradouro e a situação atual da aldeia;

- no **segundo capítulo**, é feita uma análise da situação da criança nos estudos acadêmicos, deliencendo a relevância desses estudos e o porquê da ausência de pesquisas com crianças. É feita, ainda, uma análise através da observação e da descrição etnográfica, fundamentada em autores que pesquisam sobre esse tema. Incluo, ainda, uma breve descrição de alguns conceitos referentes à compreensão do mundo das crianças.

- no **terceiro capítulo**, descrevo as relações sociais das crianças e suas formas de compreender o “mundo”. Buscando-se, nesse capítulo, uma aproximação ao universo simbólico e referencial da criança.



## CAPÍTULO I

### A`uwê Uptabi POVO VERDADEIRO

“É assim que eu vou falar. Vou falar do tempo dos ancestrais. Da tradição do povo A`uwê Uptabi, desde a origem do tempo.

O povo A`uwê corta o cabelo deste jeito, tira a sobrancelha e o supercílio, usa dañoreb-zu`a<sup>2</sup>, daporewa`u<sup>3</sup>, faz suas cerimônias.

O povo A`uwê mantém sua tradição.

É assim que eu vou falar. Para que nossos filhos aprendam e mantenham a Tradição para as futuras gerações. Para que não acabe nunca. Nós somos o povo verdadeiro, nós mantemos o espírito da criação.

Por que os brancos não respeitam o povo tradicional? Por que estão fazendo assim? É muito difícil tirar um povo verdadeiro de seu lugar. Por que os brancos querem fazer isso?

Vocês dizem que gostam da terra, vocês dizem que se preocupam com a terra. Isso não é verdade. Eu não vejo isso. Seus descendentes são numerosos, mas viraram a face para a verdade da Criação. Mal sabem quem são.

É por isso que eu estou falando. Para revelar nossa Tradição, a força que mantém o espírito da criação.

O povo A`uwê vem do lugar onde começa o céu, da raiz do céu, onde o sol aparece.

---

<sup>2</sup> Nome genérico para gravata cerimonial feita com algodão.

<sup>3</sup> Nome genérico para brinco de madeira.

Eu estou aqui no Hõ. O Hõ é diferente das outras casas, existe para os meninos. Aqui eles vivem separados. Aqui vivem para cumprir as cerimônias. Os meninos aqui dentro se chamam Wapté. Aqui somos Wapté.

Eu vou contar o início. Como vivíamos antigamente.

Desde pequenos os meninos formam grupos da mesma idade. Os velhos observam. Quando chega o tempo, os velhos decidem a entrada no Hõ, onde os meninos vão viver reclusos. Os velhos não tem pena...

Estou contando a verdadeira história! Isso que estou falando não surgiu por acaso. Esta casa existe para que continuemos fazendo as cerimônias que vieram com os wazu-riwa<sup>4</sup>. O que eles escutaram e gravaram na memória e transmitiram para nós. Para que possamos manter a tradição. Esse conhecimento não foi inventado. Foi transmitido pelos wazuriwa.

Esse ensinamento o povo ouviu e aprendeu do povo Sarewa.

O povo antigo tinha muito poder. Os A`uwê só tinham a corrida de tora que foi criada há muito tempo. Não tinham outras cerimônias. O Wanaridóbe foi aprendido.

Quando os meninos furam a orelha, acontece o Wanaridóbe. Os padrinhos encerram a cerimônia com o Wanaridóbe. Os padrinhos também se preparam. Sofrem. Não dormem, não descansam. Têm que dançar e cantar o Wanaridóbe a noite toda. É uma dança muito dura. É tão bonita! O urucum, a pintura preta, a seda de buriti nos pulsos e nas pernas...É tão bonito! O Wanaridóbe é a verdadeira expressão da identidade do povo A`uwê Uptabi. Que ninguém brinque com essas cerimônias, elas são a forma de expressão da criação.

Antes dos meninos entrarem no Hõ acontece o Oi`ó. Quando o milho está crescendo, é o tempo do Oi`ó. Da luta com a raiz do oi`ó. Os maiores, os ai`repudu, batem mesmo! Não ficam com dó. Os pequenos choram. É assim. Antes da entrada no Hõ acontece a última luta de oi`ó. Aí os meninos todos batem mesmo, sem dó. Porque é a última luta. Assim vamos conhecendo cada menino. Sua coragem, seus medos, suas fraquezas. Na luta eles vão se revelando. O pai orienta. Essa é a antiga Tradição. Transmitida de geração a geração.

No tempo dos nossos ancestrais é que foram divididos os grupos de geração. É assim. São nomes antigos que foram transmitidos ao longo do tempo. Etêpa, Tirówa, Nozo`u, Abare`u, Sadaró, Añanarówa, Hõtõrã e Ai`rere. Todos nomes de geração.

Quando os wapté saem do Hõ, como ritéiwa, voltam a viver com os pais. É o tempo de casar. No Warã<sup>5</sup> é que nós conhecemos nossa futura esposa. A mãe leva a filha para conhecer o esposo. Essa tradição é antiga. Nós seguimos essa tradição. Não casamos pela

---

<sup>4</sup> Vigilantes, mensageiros.

<sup>5</sup> Centro da aldeia, onde acontecem todas as reuniões e cerimônias.

nossa vontade, seguimos a orientação dos nossos pais. Nossa sogra faz um bolo de milho para apresentar a filha.

Nossos ancestrais não deixaram papéis para nós. Temos a história na memória. Só na memória. E mesmo assim, com a palavra mantemos nossa história viva. Contando um para o outro. A palavra, de uma geração para outra geração. Eu sigo essa tradição de transmitir a cultura através da palavra. Mesmo sozinho, mesmo cercado pelos warazu.

É assim que estou contando para vocês. Como vivemos.

Que vocês possam ouvir minha palavra enquanto eu ainda estou vivo.

Que as palavras, transformadas no papel desse livro, sejam uma forma de fortalecer o espírito criador contra o avanço do lado obscuro. Que vocês possam me ver, que seus filhos possam ver os meus filhos, para que se mantenha viva a força da criação.

Estou aqui com a verdade, para doar o mais verdadeiro de minha tradição. E isso dói no meu coração. Me traz dúvida e dor. Por que não sei se vocês vão ser capazes de compreender o que eu trago para compartilhar.

Eu me chamo Sereburã<sup>6</sup>. É assim que eu vou falar sobre minha tradição.

Ãné!”

---

<sup>6</sup> Ancião da Aldeia de Pimentel Barbosa no município de Nova Xavantina MT. Esse mito foi publicado no livro “Mitos e Histórias do povo Xavante”(1998), elaborado por pesquisadores da USP e UFRJ.

## A ALDEIA XAVANTE DE SANGRADOURO MATO GROSSO

### 1.1 Origem do Povo Xavante – Panorama Histórico

Os relatos da história dos xavantes foram obtidos por meio da pesquisa bibliográfica e de diálogos informais com os xavante anciãos, nas quais obtemos relatos a respeito de sua origem. As afirmações são bem claras e não deixam dúvidas: “Os antigos xavante se declaram provenientes do grande mar, ÔWAWÊ<sup>7</sup>. Indicativo disso segundo eles afirmam, é o nome da cidade de Niterói, que interpretado significa: lugar que pertence ao nosso povo.” (LACHNITT, 2002, p.05).

Nas tradições orais xavante, estão relatados o contato, a relação e os sonhos que tinham em relação ao mar. A lembrança é muito forte e bem significativa. Fica evidente para nós que a origem dessa etnia se deu pelo litoral da cidade que hoje se chama Rio de Janeiro. “Assim os velhos xavante sintetizam os últimos séculos de sua história. Quando se pede para contar de que lugar proveio a tribo, respondem sem hesitação: Wôywana`rada, ôpòrè, que significa: do oriente do mar”. (GIACCARIA – HEIDE, 1972, p.13).

Com o passar dos anos, eles foram sendo “empurrados”, pelos não-índios para a região central do Brasil, assim nos contam os velhos Xavante. Os Xavante estão incluídos no grupo Macro-Jê. Tiveram contato e conviveram com outras etnias, mas em especial com os Kayapó e Karajá.

Nos séculos XVI e XVII, o governo brasileiro tinha como interesse e objetivo explorar e ao mesmo tempo conhecer a região central do país, pois a mesma ainda se encontrava intacta no que se refere a colonização (no sentido de uso da terra e povoamento) pelos não índios. (estava povoada pelos xavante e outras etnias).

---

<sup>7</sup> Conferir mito: Aùwê Uptabi – Povo verdadeiro.

Organizaram bandeiras aprisionadoras de índios, que percorreram regiões do atual Estado de Goiás.

(...) “surgiram, a partir do século XVII, expedições organizadas e patrocinadas por particulares, chamadas bandeiras. A pé ou a cavalo, as bandeiras entravam pelo sertão (...) As bandeiras de apressamento perseguiram, inicialmente, os índios que não tinham contato com o homem branco.(...) As bandeiras de apressamento foram responsáveis pela escravização e morte de milhares de índios brasileiros. Os bandeirantes, com extrema violência, agiam como se estivessem numa caçada a animais ferozes. (COTRIN, 2003, p.195)

As bandeiras apresadoras em Goiás, perseguiram cruelmente os índios xavante, que nesse período se localizavam nas regiões norte e central do atual Estado de Goiás. Muitas barbáries foram cometidas contra o grupo Xavante, que passaram por inúmeras dificuldades: doenças, fome e maus tratos que levaram a etnia à beira da extinção.

Em 1725, a Capitania de Goiás é invadida por bandeiras mineradoras, que tomam as margens dos rios e invadem o cerrado goiano, em busca de ouro e metais preciosos. A principal delas foi chefiada por Bartolomeu Bueno da Silva.

Os bandeirantes tentaram agrupar os índios em aldeamentos, tendo como meta a “pacificação”. Caso isso não acontecesse, aqueles que ainda se encontrassem “arredios” às leis dos não-índios, deveriam ser mortos. Inúmeros xavante resistiram a esses “aldeamentos” e foram todos massacrados por não concordarem com essas imposições ou simplesmente por, em defesa própria, fugiram.<sup>8</sup>

Ao analisar os principais conflitos ocorridos no século XVIII entre os não-índios e os Xavante, que nesse período se encontravam no território goiano, fica mais evidenciado, dentre as problemáticas, que é a formação de “aldeamentos”, a que mais sofreu resistência da parte dos povos indígenas. A proposta não respeitava a identidade e, principalmente, a diversidade dos diferentes grupos étnicos, ou seja, a intenção do governo era de “homogeneizar” e “integrar” os diferentes grupos indígenas, fator esse, que é, por haver um

---

<sup>8</sup> \*Referências históricas mais antigas sobre o povo Xavante, situando-o nas regiões norte e central do atual estado de Goiás.

\*Bandeiras mineradoras se intensificam, expandindo a mineração na Capitania de Goiás.

\*Em 1725, a bandeira de Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhanguera, descobre ouro na região onde surgiu a cidade de Goiás, atual Goiás Velho.

\*Os Aldeamentos, a redução e pacificação dos índios incentivaram

- a mobilização de muitos esforços na Província de Goiás para aldear os Xavante, considerados “indomáveis”, “não civilizáveis” e que não se deveriam ser “pacificados”.

\*Alguns grupos Xavante são aldeados em 1788, na aldeia Pedro III (sítio do Carretão), por Tristão da Cunha Meneses, governador da Capitania de Coiás.

\*Início do processo de decadência do ciclo da mineração. (SUPRETAPRÃ, 1998, p.167)

entendimento que os povos indígenas são todos iguais, do ponto de vista da cultura destrutivo e preconceituoso.

Desse modo, a etnia xavante, ao final de 1700 e início de 1800, passa por um momento complexo e crítico. São perseguidos e suas identidades e modo de manifestação na sociedade são rechaçados pelo governo e pelos não-índios, sobretudo, latifundiários da região Centro Oeste. Além das constantes perseguições. Na prática, a intenção do governo era agrupar as diversas etnias indígenas do país em um só local, formando assim, os ditos “confinamentos”. Em consequência disso, aos poucos os grupos étnicos definhavam, pelas condições sub-humanas na qual eram submetidos.

Entre 1740 e 1750, os aldeamentos eram, em realidade, prisões indígenas, para onde eram conduzidos os sobreviventes dos ataques dos bandeirantes. Sua administração obedecia a um regime extremamente rígido, posto em prática pela presença de uma escolta militar. (RAVAGNANI, 1977, P.39).

Os xavante, como habitantes do local, estavam envolvidos, nesse conflito. O esforço era grande por parte dos índios em manter viva a identidade cultural. Assim, em momento algum houve uma negociação entre índios e Estado, o que tornava o conflito mais tenso, ocasionando inúmeras mortes. Nessa situação de enfrentamento, os processos educacionais são totalmente extintos, não por vontade dos índios, mas sim pela obrigatoriedade repressiva imposta aos mesmos. Em 1811, o governo brasileiro promulga uma carta régia, na qual autoriza repressão violenta, declarando, por assim dizer, guerra aos Xavante.

[...] será indispensável usar... da força armada; sendo este também o meio de que se deve lançar mão para conter e repelir as nações Apinagé, Chavante, Cherente e Canceiro;...não resta presentemente outro partido a seguir senão intimida-las, e até destruí-las se necessário for, para evitar os danos que causam. Neste intento vos hei por muito recommendado, não só enviar os convenientes reforços de Pedestres para o Destacamento do Porto Real, mas toda a vigilância em dar as providências que tenderem ao desempenho destas minhas reais ordens. (Escrita no Palácio do Rio de Janeiro em 5 de Setembro de 1811)

Observamos que somente na década de trinta do século XX, é que os Xavante adquirem certa relevância no contexto social do país. Primeiro, por várias tentativas feitas por missionários, com o objetivo de realizar uma evangelização no meio indígena. Deste contato com os padres, a “fama” Xavante começou a circular: eram valentes e destemidos, o que

tornava praticamente impossível o contato pacífico com outros grupos. Contudo há também relatos como os de Alancastre (1983) que afirmam que no início os não-índios atacaram os Xavante, os quais a partir daí começaram a ficar receosos com a presença dos “Waradzu”.

Seguramente, os primeiríssimos contatos dos índios com os brancos foram pacíficos, porque o índio é de caráter hospitaleiro. Mas dadas, as provocações armadas dos brancos, para defender-se, o índio passou ao contra-ataque. A defesa do sacrossanto direito a liberdade e à vida, passou, por evidentes motivos de interesse, como um sinal de crueldade e nasceu, assim, a imagem distorcida do índio como um salteador beduíno. (ALANCASTRE,1983, Anais da Província de Goiás, vol. 27, parte II.)

A primeira intenção do governo, era de levar os índios a viverem em aldeamentos, em cujos locais seriam colocadas diversas etnias juntas, sem distinção de cultura e valores. As primeiras tentativas de aldeamento foram realizadas por Tristão da Cunha, no estado de Goiás.

Em 1755, no aldeamento de São José de Mossâmedes-GO, havia 8.000 pessoas entre Xavante, Akroá, Karajá e Kaiapó. Esse aldeamento foi reconstruído no ano de 1775,e, passados alguns anos, em 1828, sobraram apenas 129 pessoas nesse local.(...) Em 1785 e anos seguintes Tristão da Cunha conseguiu levar para esse acampamento um maior número de Xavante, recorrendo para isso, a muitas artimanhas. (LACHNITT,2003,p.11)

Nesses “confinamentos” os Xavante, praticamente, estavam extintos e, toda uma cultura caminhava para a ruína. Os próprios Xavante estavam cientes dessa problemática e, resolveram tomar uma atitude que pudesse salvar seu povo.

Sabemos que os índios sempre lutaram por sobreviverem como etnias e culturas. No caso xavante são denominados, (por prepararem-se para isso durante a adolescência e por ser a luta uma questão de honra) por eles mesmos, como guerreiros (fortes e destemidos). Enfrentaram essa situação evadindo-se dos aldeamentos, momento em que participaram de uma grande luta, na qual muitos morreram; outros, entretanto, conseguiram escapar. Um número considerável de Xavante marchou em direção ao Xingu, atravessando o rio Araguaia no Estado de Mato Grosso.

Após esses combates, segundo a literatura oral Xavante, houve a travessia para o Mato Grosso, na altura da ilha do Bananal. Assim ficaram isolados na região da Serra do Roncador, além do Rio das Mortes, e evitaram rigorosamente o contato com os WARADZU, os “brancos”, limitando-se a pequenas excursões de caça a margem direita do citado rio, no tempo da seca prolongada. No mais defenderam ferrenhamente esse rio como limite natural entre os dois mundos (indígena e branco), punindo os invasores com a morte, sendo respondido pela mesma forma pelos brancos que ficavam do outro lado do rio. (LACHNITT, 2003,p.12)





Os padres salesianos, em Cuiabá, tinham uma grande amizade com um médico que se chamava Joaquim Manoel dos Santos o qual era muito estimado e apreciado em Cuiabá, por ser uma pessoa que estava inserida em projetos sociais e, sempre, contribuía com as necessidades do povo. Trabalhava, principalmente, naqueles projetos em que os salesianos tomavam frente.

Joaquim Manoel dos Santos tinha uma fazenda, onde os salesianos paravam para descanso, já que a localidade era caminho para a “missão dos tachos”, na qual trabalhavam com os índios Bororo. Outra população indígena que ali existe, índios que habitam os cerrados dessa região, com os quais os missionários salesianos já trabalhavam.

Mediante contato, o médico fez uma oferta de venda dessa fazenda aos salesianos para que a comprassem e ali fizessem uma comunidade religiosa para também atender os moradores da redondeza, que eram muitos, mas que viviam distantes e afastados um dos outros, principalmente pela distância e os precários meios de locomoção. Não existindo cidades na região com potencial de mercado, o principal centro de estudos e compras era Cuiabá..

A citada crônica afirma:

O Drº Joaquim desejava vender a fazenda aos salesianos, pois achava que se teria tornado um futuro campo de missão, por estar a fazenda bem encostada ao território habitado pelos índios Bororo. Por falta de dinheiro os salesianos protelavam sempre a proposta, sem contudo perder de vista a ocasião.

Em março de 1906 achando-se doente o Dr joaquim , e, temendo morrer sem ter efetuado seu desejo, fez chamar a sua cabeceira o Pe. Manoel de Oliveira e o Pe. Felipe Papalardo e obrigou-os a receber quase de presente a sua fazenda.(...)Três dias depois morria o Dr. Joaquim Manoel dos Santos, mas o contrato estava feito. (CRÔNICA da casa de São José,folha15,1906)

Apesar de todos os questionamentos e interrogações, os salesianos assumem definitivamente, a fazenda, que lhes fora praticamente. A partir dessa situação Sangradouro se torna uma missão, que tem como objetivo primeiro, atender a população circunvizinha no que se refere à educação, como também dar o devido atendimento a comunidade Bororo, e aos salesianos que por ali passavam, a fim de irem à “Missão dos Tachos”.

Sangradouro era um ponto estratégico para os salesianos, pois estava numa parte central das terras das missões. Sua posição geográfica era importante para o desenvolvimento dos projetos missionários a serem realizados naquela região, como também uma referência aos demais salesianos da Inspetoria.

Aos poucos vai se criando uma estrutura organizacional. Em 1907 chega à Missão de Sangradouro um grupo de índios Bororo, fugindo das colônias que tinham sido

implantadas pelo governo. Foram bem recebidos pelos salesianos e, aos poucos a comunidade vai crescendo.

No dia 24 de fevereiro de 1957, chegou, à Sangradouro<sup>10</sup>, um grupo de xavante que veio naquela época, descrevem que mal conseguia parar em pé de tanta fome e cansaço. Esses que conseguiram chegar eram muitos jovens, e que, foram guiados por apenas um ancião.

Em Sangradouro existe um Xavante que presenciou essa chegada, e faz a seguinte descrição:

Eu era criança, quando chegamos a Sangradouro, dirigidos pelo Pai Pedro. Passando por Meruri<sup>11</sup>, onde pararam muitos Xavante doentes ou cansados, ele dizia-nos: - Temos que continuar a viagem em direção da nascente dos rios. Eu sonhei que iremos encontrar um homem de braços cumpridos, que irá nos receber bem. Assim chegamos e paramos debaixo da figueira que está no pátio atual da casa das irmãs. Um padre alto, vestido de branco, nos recebeu com alegria, nos deu comida e roupa porque estávamos nus<sup>12</sup>. Mandou outro padre a Poxoréu<sup>13</sup> comprar farinha de mandioca e rapadura para nós.

Percebemos o quanto a figura do idoso é fundamental nessa cultura. Ela é muito respeitada e valorizada por todos integrantes da sociedade.

Nelle scorse Febraio, precisamente il 24 de febraio, sono giunti a Sangradouro uma settantina de Chavantes, spint piú dalla fame e dalla procura di rimedi, Che dalle minaccie delle tribú limitrofi, loro nemiche, come i Ciarentes(...)nella stragrande maggioranza predominano i

---

<sup>10</sup> **FIGURA 01 - VISTA AÉREA DA ALDEIA DE SANGRADOURO MT.**



**FONTE:** SALVATORE, Cosma, 2000.

<sup>11</sup> Aldeia dos índios Bororo situada a 120 Km do município de Barra do Garças MT.

<sup>12</sup> Visão egocêntrica dos padres, em sub-entender como pecado o fator cultural dos indígenas em estarem nus, proibindo essa prática e fazendo inúmeras outras interferências na identidade do Xavante nesse período.

<sup>13</sup> Cidade mais próxima da fazenda de Sangradouro, situada à 110 km da mesma.

bambini(aiutéri) e gli uomini (iprédu), com um solo Vecchio sui settantaani. (CRÔNICA da casa de São José, folha 03, 1957)<sup>14</sup>

Em setembro de 1912, havia ocorrido outra transformação: abre – se um internato, visando fornecer uma educação para os filhos de fazendeiros da região.

Assim, Sangradouro era uma fazenda que pertencia aos padres Salesianos. Atendiam aos filhos dos fazendeiros que circunvizinhavam a região, como também a um pequeno grupo de índios Bororo que habitavam nessa mesma fazenda. Os padres começaram a repensar o modo de vida, a partir da chegada dos xavante. À casa tinha como objetivo primeiro, o internato (atendimento escolar aos filhos de fazendeiros da região), depois o atendimento aos índios Bororo, que ali residiam.

No começo houve a tentativa de conciliar as três áreas de trabalho: xavante, Bororo e internato. Mas foi impossível de conciliar o internato, porque o grande problema surgiu com os pais das crianças. Quando ficaram sabendo que os xavante estavam morando em Sangradouro, imediatamente quiseram tirar seus filhos de lá, alegando, baseados na idéia de que os índios são “bárbaros”, sentirem muito medo deles.

Não sendo possível a união das respectivas frentes de trabalho, a Missão Salesiana entrou num consenso e optou pelo trabalho com os xavante, os quais julgaram ser mais importantes do que continuar com o atendimento aos internos.

Resolveram, definitivamente, fechar o internato. Após a execução dessa medida, muda-se a perspectiva de trabalho, passando a ser a principal atividade da casa de Sangradouro, o trabalho com os índios xavante.

### **1.3 A Educação Escolar em Sangradouro MT. Os Primeiros Contatos Com as crianças Xavante.**

A primeira iniciativa de educação escolar, em Sangradouro, se deu nos inícios do ano de 1957, logo nos primeiros dias da chegada dos xavante, formando uma primeira classe, sendo composta por uns vinte e cinco filhos de fazendeiros e oito xavante.

---

<sup>14</sup> Tradução livre: no passado mês de fevereiro, precisamente no dia 24 de fevereiro, agregaram-se a Sangradouro mais ou menos sessenta Xavantes, tomados pela fome e pela procura de medicamentos, que das ameaças das tribos vizinhas, seus inimigos, como os *Ciarentes* (...)na grande maioria predominam as crianças e os homens com um só velho de sessenta anos.

Foi um grande impacto, tanto para o professor, quanto para os alunos. O problema era como alfabetizar alunos com culturas diferentes, língua completamente desconhecida e que não entendiam uma só palavra em português.

A solução foi começar a descobrir as palavras. Por meio de gestos e mímicas, o professor aprendia as palavras xavante e os alunos, as portuguesas. Segundo a crônica da casa de Sangradouro, ao término do primeiro ano, já se tinha uma cartilha bilíngüe que, posteriormente, foi aprimorada e aperfeiçoada com a ajuda dos próprios índios e, com o apoio de outros estudiosos.

A Cartilha Xavante I, foi publicada, em 1979, e a cartilha II, em 1980. Contemporaneamente, foram elaborados outros subsídios didáticos e o primeiro livro de leitura, - O MEU MUNDO -, com o respectivo livro de exercícios, publicado em 1983.

Os salesianos perceberam que não era suficiente só conhecer a língua, para poder atuar eficazmente na escola. Era necessário também conhecer a cultura xavante. Com muita observação e paciência, aos poucos ocorria a interação entre eles, e os salesianos aprendendo a conhecer e trabalhar com a cultura xavante. Dentre os estudos recolhidos reconhecidos, naquele período, sobre a cultura xavante foram publicado dois livros: Xavante – Povo Autêntico, Jerônimo Xavante Conta, e Jerônimo Xavante Sonha, entre 1971 e 1977. A alfabetização em língua materna e em português não foi logo aceita tanto pelas autoridades escolares, como pelos índios. Isso só aconteceu, oficialmente, ao término do ano de 1977.

No dia 26 de agosto de 1974, pelo Decreto nº 2.179, é criada, oficialmente, pelo governo, a Escola Estadual de Sangradouro, com o regimento de caráter peculiar para a clientela indígena e o seu processo cultural.

Para os Xavante de Sangradouro, a escola se faz presente, como uma das formas onde eles se encontram para adquirir conhecimento, para poder lutar e exigir seus direitos perante aos não - índios. Dessa forma, eles poderão defender o próprio território, de forma a compreenderem e utilizarem os instrumentos jurídicos que dão legitimidade a essas terras. Passaram a lutar contra a exploração a que são submetidos nas transações comerciais, exigindo um tratamento digno dentro da sociedade.

De acordo com a mentalidade Xavante, a escola é importante porque eles não vivem mais isolados, sem contatos. Hoje, o Xavante tem novas exigências, que são provocadas pelo contato com a cultura envolvente. A educação indígena não preenche, no contexto de hoje em que já foram estabelecidos contatos com as demais culturas, todos os requisitos necessários para os indivíduos e a comunidade poderem sobreviver. Nessas

condições entendem como necessária uma intervenção externa, que complete e ajude a educação tradicional.

Como consequência desses princípios, a escola numa aldeia não pode se restringir aos poucos momentos de contato entre o professor e os alunos fechados numa sala de aula, mas tem que se abrir e integrar com a vida cotidiana da aldeia.

Deve-se considerar, não tanto a educação institucionalizada utilizada pelos não-índios, como também os valores culturais do grupo. Usar de uma pedagogia que não imponha ou force, mas que dialogue com os valores tradicionais do daquela etnia.

A constituição brasileira atualmente em vigor, garante aos índios uma educação respeitosa de suas línguas e culturas, de seus modos próprios de viver e pensar, de valorização de seus conhecimentos e dos processos próprios de sua produção e transmissão. Isso significa o reconhecimento ao direito a uma educação “educação diferenciada e específica, intercultural e bilíngüe” (Brasil/MEC, 1993 e 1998)

A educação escolar indígena no Brasil vem obtendo, desde a década de 70, avanços significativos no que diz respeito à legislação que a regula. Se existem hoje leis bastante favoráveis quanto ao reconhecimento da necessidade de uma educação específica, diferenciada e de qualidade para as populações indígenas na prática, entretanto, há enormes conflitos e contradições a serem superados(...). Para que o tratamento dado pelas políticas públicas à questão da educação escolar esteja em consonância com que as comunidades indígenas, de fato necessitam, é preciso que os sistemas educacionais estaduais e municipais considerem a grande diversidade cultural e étnica dos povos indígenas no Brasil e revejam seus instrumentos jurídicos e burocráticos, uma vez que tais instrumentos foram instituídos para uma sociedade que sempre se representou homogênea. Sem que isso aconteça, dificilmente propostas alternativas para o funcionamento das escolas indígenas poderão ser viabilizadas. (MEC, EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA, p.11/12,1998)

Portanto, a escola deve representar um lugar para apropriação de conhecimentos científicos teóricos e instrumentais (informática, direção de carros, etc.) complementares ao seu sistema de educação tradicional. As informações introduzidas na escola formal não inviabilizam a continuidade dos processos de educação tradicional transmitidos fora da escola, mas deve agregar conhecimentos exteriores ao mundo do índio.

A Escola de Sangradouro conta com mais de quatrocentos alunos, distribuídos em dois períodos. Segue um currículo indígena, com professores e coordenadores índios. A Escola é, oficialmente, bilíngüe. O fato de os professores, que têm por língua materna o xavante, explicarem os conteúdos com maior facilidade na sua língua leva-os, a falarem prevalentemente na língua indígena, tornando difícil para os alunos o domínio do português.

Assim, boa comunicação com os “não - índios” e a continuação dos estudos em nível superior não são facilitadas.

#### **1.4 Sangradouro Hoje – 2007<sup>15</sup>**

A sociedade Xavante se autodenomina A`uwê Uptabi, povo verdadeiro. Vivem hoje no Estado de Mato Grosso, Centro Oeste do Brasil, numa parte do Cerrado. São cerca de 15 mil pessoas, vivendo em mais de cento e vinte aldeias. A língua que falam está classificada no tronco Jê. A Aldeia de Sangradouro é atualmente (2007) a maior aldeia Xavante da etnia, com aproximadamente 900 pessoas, sendo as casas distribuídas num formato de ferradura.

As decisões sobre as iniciativas a serem tomadas em Sangradouro não estão mais sob a responsabilidade da Missão, mas da própria comunidade indígena. Os missionários ficam ao lado dela, oferecendo sugestões e apoio. Hoje na aldeia os maiores problemas são:

1º - Saneamento Básico. Não existem privadas, fossas higiênicas ou esgotos. Segundo estudos realizados, esse problema é uma das maiores causas de morte infantil.

2º - Água potável e energia elétrica. O aumento acelerado da aldeia, favorecido por programas governamentais, tornou o abastecimento de água potável insuficiente, embora, em 2004, outra canalização de água tenha sido construída pela Missão. No mesmo ano, foi inaugurada uma nova usina de 60 KWA , que é suficiente durante o período diurno, mas não para noite, quando, pelo gasto excessivo, a energia desce para os oitenta volts. A Fundação Nacional da Saúde - FUNASA é responsável pela resolução problema do saneamento básico e pela água, mas não soube resolvê-los, até agora. A energia elétrica poderia ser trazida à aldeia de uma distância de quinze quilômetros, se houvesse vontade política que fica a cargo da FUNAI..

3º - Subsistência. Na Missão de São José do Sangradouro, encontram-se as seguintes considerações: os projetos agrícolas, já praticados há mais de cinquenta anos, não propiciam a manutenção daquela população que ali vive. Além disso, os recursos destinados a esse propósito são, muitas vezes, desviados, muitos deixam de pensar na própria subsistência esperando apenas pela roças comunitárias, sem colaborar na produção. No entanto, atualmente, sendo muito escassas as matas necessárias para as tradicionais “roças de toco”, não há outra alternativa.

---

<sup>15</sup> Dados recolhidos do relatório avaliativo 2002-2004/2007, da Missão de Salesiana de São José.

Se não forem consideradas as roças familiares, talvez um terço das famílias sobreviva com salário de professor, de funcionário da Escola, da Fundação Nacional do Índio - FUNAI, da FUNASA e com as aposentadorias por velhice ou enfermidade. Continua sendo um grande desafio a subsistência dos povos indígenas. A população de Sangradouro está crescendo muito, existe um número extremamente significativo de crianças na faixa etária de zero a seis anos, segundo dados das lideranças locais o número de crianças ultrapassa a duzentas.

## **CAPÍTULO II**

### **AS CRIANÇAS INDÍGENAS E AS CONTRIBUIÇÕES ANTROPOLÓGICAS**

O ser humano passa por inúmeras transformações respeitantes ao seu próprio desenvolvimento, tanto no campo intelectual, tecnológico, como espiritual. É sabido que as mudanças são diversas e importantes para o próprio homem. Assim, a antropologia busca encontrar mecanismos que compreendam esses acontecimentos. Nesse processo de transformação, em que as crianças também participam e vivenciam, emergem adaptações e negociações culturais no grupo pelo qual pertencem.

A história humana, sem dúvida, é o relato do desenvolvimento de formas emergentes, tanto de culturas como de sociedades. A questão para a antropologia tem sido encontrar a melhor maneira de retratar essa história, e de quais são os tipos de análise adequados para descobrir princípios gerais nas mudanças (...) ocasionadas por transformações nas diferenças culturais definidoras de fronteiras. (BARTH, 2000,p.66).

Os estudos que nos remetem a descobrir o universo simbólico e referencial das crianças ainda são muito poucos. Pesquisas e trabalhos que exploram esse contexto, começaram a ter uma certa relevância, aproximadamente na década de setenta, quando alguns antropólogos buscaram encontrar respostas a partir de uma antropologia voltada para a criança: “as crianças constituem um grupo social que pode e deve ser estudado especificamente”, Lopes ( 2002, p.13).

Deparamo-nos assim com uma quebra de paradigma, dado que as crianças eram pouco mencionadas nos estudos acadêmicos. Desse modo, as crianças começam a obter uma maior atenção em pesquisas, a partir da década de setenta. “Alguns trabalhos científicos começaram a dar um toque de mudança de maior profundidade e abrangência, delineando a necessidade de indagar a história da invenção da infância” (ARIÈS, 1981, p.13).



A infância passa por um processo de investigação e descoberta de muitos significados que são imanentes à própria pesquisa antropológica, pois “as crianças são agentes ativos que constroem suas próprias culturas e contribuem para a produção do mundo adulto” (CORSARO, 1997, p. 5).

Outro dado significativo que deve ficar caracterizado, é que quando falamos que as pesquisas com crianças começam a ter uma maior expressividade, a partir da década de setenta, as crianças indígenas também estão presentes nessa menção. Estudos sobre as crianças indígenas são praticamente inexpressivos no contexto acadêmico. As crianças indígenas não foram alvo nem foco de pesquisa, ficando excluídas desse contexto. “Não encontramos um único título específico sobre as crianças das sociedades indígenas. Os motivos podem ser vários: ou porque estas não se incluíam na tal infância pobre que era alvo de preocupação, quer dizer, não constituíam um problema e, portanto, não mereciam a atenção (...) ou porque, simplesmente, pela falta de interesse existente.” (LOPES, 2002, p.17).

A presente pesquisa busca investigar, e, principalmente, contribuir com os estudos referentes à antropologia da infância, especificamente das crianças indígenas como um todo. O campo empírico deste trabalho é direcionado para as crianças Xavante da Aldeia de Sangradouro, no Estado de Mato Grosso. Tenho como campo empírico as crianças Xavante da Aldeia de Sangradouro no Estado de Mato Grosso.

**FIGURA 02- CRIANÇAS A MARGEM DO CÓRREGO “AZUL” BRINCANDO E INTERAGINDO.**



**FONTE:** MELCHIOR, Marcelo do Nascimento, 2007.

As`Watébrémi xavante, verificando ao longo da história Xavante, poucas vezes tiveram uma ‘voz’ que fosse notada dentro dos padrões específicos da etnia. Se os anciãos da aldeia, os pais e os padrinhos, acompanham incansavelmente o processo, na educação

tradicional, entendendo ser muito necessário ouvir as `Watébrémi, tomando como ponto fundamental a criança como um ator social importante e relevante.

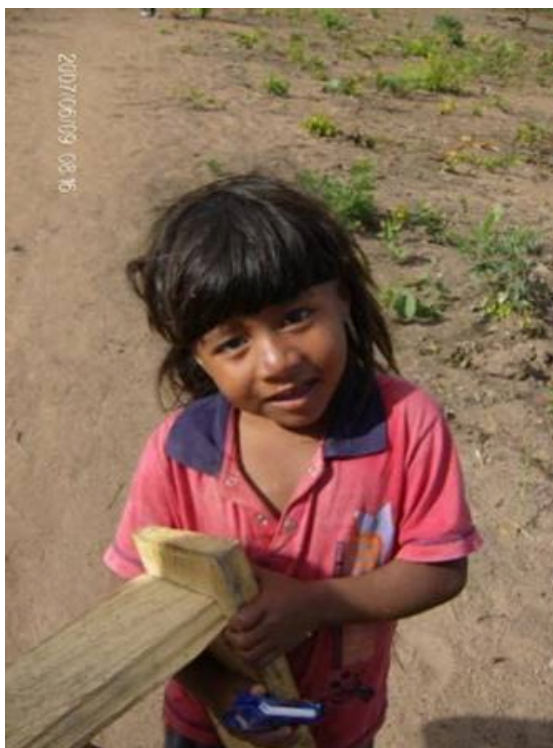
A pesquisa busca compreender e, principalmente, reconhecer a criança indígena como sujeito social ativo e atuante e produtor de cultura. “Cada cultura pensa o desenvolvimento da criança, a partir de seus próprios termos” (COHN, 2005, p.42). A pesquisa tem os objetivos de buscar a compreensão dos significados e expressões próprias do universo simbólico e referencial das crianças, compreender seu mundo e suas lógicas de pensar a realidade, seus aprendizados, como sujeito, em toda a sua complexidade, suas percepções do cotidiano da aldeia, da escola, da família, dos rituais e dos símbolos que consistem em tarefa de máxima importância.

O mundo de representações das crianças indígenas pode ser visto e refletido de uma forma singular e significativa. “Não obstante, as mudanças introduzidas pelo novo paradigma, o que se sabe sobre a criança, continua sendo o que os adultos sabem sobre ela, e não o que a criança tem a dizer de si mesma.” (BUTLER E SHAW, 1996, p.22). Compreender a criança com todos os seus significados, a partir de si é algo extremamente desafiador e, ao mesmo tempo, complexo. Contudo essa pesquisa poderá contribuir com os estudos referentes à antropologia indígena sobre o tema.

Segundo James, Jenks e Prout (1997, p.28), existem alguns princípios que são fundamentais dentro da etnologia da infância: “a) a infância como construção social(...); b) o mundo social da infância como um mundo à parte, cheio de significados próprios(...); c) as crianças como grupo minoritário(...); d) a criança como categoria sócio-estrutural”.

A infância possui suas particularidades, as quais são importantes e fundamentais dentro do processo de desenvolvimento do ser humano, tendo significados e referências próprias dessa fase. A criança vive e participa da vivência cultural que a própria infância apresenta. Desse modo podemos buscar contribuições das mais diversas áreas do conhecimento tais como a Antropologia, Educação, Filosofia etc, para que a infância e a criança sejam vistas em suas particularidades, e, neste caso em particular, a criança indígena xavante. “A antropologia da criança indígena no Brasil pode trazer uma importante contribuição, aliando à maturidade da pesquisa etnográfica num País culturalmente tão diverso ao vigor e solidez da reflexão etnoantropológica que aqui se tem construído”. (LOPES,2002,p.24).

**FIGURA 3 -CRIANÇA XAVANTE, SEGURANDO O SEU BRINQUEDO.**



**FONTE:** MELCHIOR, Marcelo do Nascimento, 2007.

Dessa forma, estudando as crianças indígenas, poderão ser alcançadas descobertas significativas. Tal poderá ser concretizado através da entrada nesse meio, buscando refletir, entender e aprofundar o que é ser criança no contexto xavante de Sangradouro.

Angela Nunes (2002) realiza uma descrição cautelosa, acerca do modo como as crianças indígenas Xavante aparecem na bibliografia, reunindo um denso material sobre pesquisadores que estiveram em contato direto com os xavante em Mato Grosso. Nunes faz um comentário da obra *Xavante Uptabi – Povo Autêntico*, de Bartolomeu Giaccaria e Adalberto Heide (1984). Nessa obra está contida uma análise a respeito das brincadeiras e jogos que os meninos e as meninas fazem, na aldeia, nos caminhos, no rio e na mata – detalhes quanto ao material com que são confeccionados os brinquedos e as flechas que os meninos usam.

A autora continua fazendo sua abordagem e comenta o clássico de Maybury-Lewis(1984), onde é efetuada uma descrição da criança envolvendo a concepção do nascimento, de tabus relacionados com o parto, uma parte exclusivamente dedicada à infância, “os comentários de Maybury-Lewis sobre a infância terminam com a descrição de alguns episódios de provocação jocosa mútua entre as crianças e seus iniciados”(NUNES,

2002, p.266). Nunes apresenta a dissertação de mestrado de Regina Müllher, *pintura do Corpo e os Ornamentos Xavante (1976)*, na qual as crianças são somente submetidas a análise quando a autora relata a cerimônia de danhorebdzu`wa, onde o tio materno se torna o pai cerimonial e doa aos sobrinhos e sobrinhas, que são crianças, o colar, estabelecendo assim uma relação que se tornará mais expressiva e presente quando essas crianças forem consideradas socialmente maduras (NUNES, 2002, p.268).

Nunes cita a dissertação de mestrado de Laura Graham: *Performing Dynamics and Social Dimensions in Xavante Narrative: hoimana`uo wasu`u (1983)*. Esse estudo não trabalha diretamente com as crianças, faz apenas uma menção referindo à importância dos anciãos na transmissão oral das tradições para as crianças. Em 1984 houve a conclusão de uma tese de doutorado na reserva xavante de São Marcos com o título *Índios e Missionários em Mato Grosso*, elaborada por Cláudia Menezes na área de Ciência Política. “As referências às crianças aparecem no quadro das práticas educativas fornecidas pelos missionários (...), as observações contidas nesta dissertação e que considero mais significativas não se referem às crianças mas sim aos bastidores da ação missionária” (NUNES, 2002, p.270).

Ângela Nunes refere-se aos trabalhos de Aracy Lopes, que na sua obra *Nomes e Amigos: da prática Xavante a uma reflexão sobre os Jê. (1986)*, se debruça sobre a investigação a procura de compreensão do universo das crianças xavante, juntamente com sua socialização no grupo. Pesquisas recentes com publicações em âmbito nacional, surgem na área de educação ambiental, onde é pesquisado o desenvolvimento cultural das crianças xavante e suas relações com o meio ambiente, dando continuidade a essas observações com o universo infantil e o mundo de socialização da criança Ângela Nunes (2002).

Atualmente a sociedade xavante vivencia um período muito significativo dentro de sua história, pois começam a despontar pesquisas realizadas pelos próprios xavante em comum com outros pesquisadores. Esse fato é memorável, dado que as referências escritas sobre esse grupo começam a ser revistas pelos próprios xavante.

## **2.1 Criança xavante e o seu Universo Simbólico Referencial**

A criança ocupa um espaço fundamental dentro das sociedades. Hoje as pesquisas preocupam-se com alguns questionamentos que são importantes para uma melhor compreensão desse grupo, principalmente no que se refere aos dados culturais que cada criança possui. Geertz (1978, p.15) afirma que “o homem está amarrado em teias de

significado construídas por ele, sendo a cultura, essas teias”. Ele apresenta uma forma de cultura que nos mostra “sistemas organizados de símbolos significantes que orientam a existência humana”(1978, p.58).

Seguindo esse raciocínio, Corsaro (1997; p. 95) diz que as “crianças produzem uma série de culturas de pares locais que se transformam em parte, e contribuem para culturas mais amplas de outras crianças e adultos dentro das quais eles estão inseridos”. Desse modo as crianças podem ser consideradas como sujeitos ativos e importantes dentro da sociedade, construindo interpretações e símbolos próprios, a partir de sua cultura.

Corsaro (1997, p.95) aborda um conceito do que seria uma cultura infantil, sendo “como um conjunto estável de atividades ou rotinas, artefatos, valores ou preocupações que crianças produzem e compartilham em interação com pares”. A criança xavante, em seu cotidiano na aldeia, partilha constantemente dessas interações. Existe assim uma espécie de valor cultural significativo no que se refere ao ato de brincar, sendo que este é muito importante dentro da sociedade xavante, fundamentalmente entre as crianças.

Com as brincadeiras, a criança xavante realiza os primeiros processos de integração com os demais colegas, sejam eles da mesma idade, ou não. Com elas, a criança xavante desenvolve o respeito, a amizade, a responsabilidade, bem como exercita o seu corpo. As brincadeiras são muito variadas, tais como corridas, tomar banho no rio, subir em árvores, etc.

As relações culturais dentro da sociedade xavante interagem, formando “teias”, como afirma Geertz(1978), nas quais ocorrem trocas e negociações dentro do grupo. Desse modo, a criança se intera a partir da sua visão de mundo com os demais adultos.

Vale a pena ressaltar que a criança xavante vive também em seu ‘mundo’, e que algumas dessas ações são particulares a essas fases, não sofrendo, diretamente, interferências dos adultos. Tendo como exemplo as brincadeiras, que acontecem de um modo espontâneo, não necessitando que o adulto determine quando deverão ocorrer, estipulando tempo e regras, cada uma brinca de acordo com a vontade e espontaneidade. Isso é um fator extremamente importante, que difere de acordo com o comportamento das crianças indígenas xavante, assim como da grande maioria das crianças não índias. Pois, as não índias constantemente estão sendo “vigiadas” pelos adultos, passam por regras e limitações, não tendo muita liberdade. As próprias crianças xavante afirmam ser livres<sup>16</sup> dentro da aldeia, sendo que isso é um fator cultural importante no grupo, valorizado pelos anciãos.

---

<sup>16</sup> Uma liberdade que de um certo modo será condicionada a fatores externos e por determinações dos adultos

Na sociedade Xavante, o processo de socialização da criança não se dá somente baseado nas ações dos adultos. Todos (jovens, anciãos) estão envolvidos na socialização, fazendo com que as próprias crianças também sejam responsáveis por esse processo. Existe, dentro da cultura, um processo variado de negociações entre os indivíduos – interação entre os adultos e as crianças. Corsaro (1997) defende que essa concepção de socialização da criança se dá por meio de negociações, sendo um método de interações recíprocas.

Desse modo, as crianças Xavante são atores capazes de criar e modificar a sua cultura. Embora, estando inseridas e fazendo parte do mundo dos adultos, elas também contribuem para o processo de interação social.

**FIGURA 04- CRIANÇAS NO INTERIOR DA CASA, ESPERANDO O ALMOÇO.**



**FONTE:**MELCHIOR, Marcelo do Nascimento, 2007.

Corsaro (1997, p.5) afirma que as crianças “são agentes ativos, que constroem suas próprias culturas e contribuem para a produção do mundo adulto”. Esse conceito de Corsaro desenvolve-se, claramente, no dia a dia da sociedade xavante, pois a criança é um sujeito ativo que gera contribuições para o adulto. Os anciãos identificam a criança como fonte de prosperidade para a sociedade. É muito normal numa aldeia xavante as famílias terem em média três a sete filhos. A criança é uma dádiva na concepção dos anciãos, e de forma alguma devem ser impedidas de virem ao mundo.

Portanto, dificilmente se encontra uma aldeia xavante com poucas crianças. O centro da aldeia, denominado Warã, torna-se palco de encontro dos anciãos, bem como espaço de brincadeiras das crianças, e tanto uns como os outros interagem nesse espaço com

muita naturalidade, sem divergências ou discórdias. O carinho existente entre os anciãos e as crianças manifesta-se espontaneamente.

## **2.2 As Relações Sócio-Culturais que as Crianças Xavante estabelecem entre si.**

As crianças vão criando o seu espaço, junto ao mundo dos adultos. Os anciãos participam, ativamente, nesse processo formulando diálogos e incentivando os pequenos a mostrarem seus pontos de vista. São métodos não formais, que ocorrem nos mais variados momentos. Em conversa com anciãos xavante, de Sangradouro, existe uma resposta muito clara. O que permeia o cotidiano de todos. Segundo eles, tudo o que acontece na aldeia, desde uma conversa a uma brincadeira, se torna um momento de aprendizado. A comunidade é envolvida, existindo uma interação de conhecimentos, sendo eles válidos para todos. Porém, não tem hora e, muito menos tempo estabelecido para essas interações. Elas acontecem, espontaneamente, não tendo formalidade alguma para essas manifestações. “Muito do que os A`uwê aprendem e ensinam uns aos outros – especialmente nas relações entre as gerações mais velhas e mais novas – é buscado, deliberadamente, no mundo dos antepassados (...)” (LOPES, 1986, p.45).

Esse aprendizado mútuo é característica comum entre os xavante. As crianças permeiam e se tornam participantes do aprendizado de tudo o que se passa na aldeia e em seu redor. “Excursões pela mata e pelo cerrado, no curso de atividades de caça, agricultura, coleta, viagens, possibilitam verdadeiras “aulas”, de dar inveja a pedagogos construtivistas(...)” (LOPES, 2002, p.49). A pedagogia xavante é cheia de símbolos e gestos próprios do cotidiano e da relação com a natureza.

Os animais exercem um fascínio ao olhar observador das crianças, que logo os transformam (e seus filhotes) em brinquedos. Eles são capturados pelas próprias crianças, no caso dos passarinhos, ou por adultos, em caçadas, como no caso do filhote do caititu. Ao mesmo tempo, aprendem os nomes e a classificação do animal, seu comportamento, habitat e os usos que dele fazem os Xavante. (...) Muito cedo, os meninos aprendem a caçar passarinhos com estilingues e flechinhas e a flechar peixes nas pescarias de timbó. Toda esta educação Xavante que prepara os meninos como provedores exige deles uma observação atenta das espécies animais. (CARRARA, 1997, p.223).

As crianças vão se formando e estruturando, a partir das atividades próprias da aldeia. Existe um conhecimento que, aos poucos, se torna mais sólido, pois esses aprendizes vão apreendendo todas as ações culturais que constituem a sociedade xavante. Desse modo, a

criança “expressa novas articulações de sentido, as crianças criam, escolhem, inventam, explicitam, renovam sua percepção do mundo e, assim, o próprio mundo social de qual fazem parte.” (LOPES,2002,p.49).

Ficam claras as formas de conhecimento das crianças xavante. Tudo é conhecimento e aprendizagem.

Para as crianças e para os jovens, serem pintados, sentirem e verem seus corpos ostentando linhas ou círculos geometricamente dispostos significa aprender algo sobre si mesmos, sobre seu lugar no mundo, e sobre os demais. É um processo de aprendizagem e conhecimento expresso corporalmente. Crianças brincando sob árvores com gravetos e pedrinhas, atentas ao mundo pleno da imaginação que completamente as envolve, não se dão, aparentemente, conta de seus corpos pintados, nem dos nomes próprios que integram a sua pessoa. Isso não está no foco de sua atenção: nomes e ornamentação corporal parecem ser, para as crianças, adendos secundários, já que algo muito mais importante, envolvendo os gravetos no chão, está a acontecer. Entretanto, experiências esporádicas como essa, esses momentos não marcados na seqüência e na rotina da vida cotidiana, articulam-se aos momentos raros, mas altamente formalizados dos rituais coletivos, Constituem, assim, ambos, exercícios de aprendizagem e domínio do mundo, das pessoas e das possibilidades, que se processa, mais que tudo, pela corporalidade. (LOPES,1986,p.51)

Vários autores afirmam que as crianças, estando em contato umas com as outras, vivem, continuamente, num processo de aprendizagem e trocas. Esse fator ocorre momentaneamente com as crianças xavante. A aprendizagem manifesta-se entre todas, nos espaços em comum. Corsaro, (1997), define esses espaços como momentos de produção cultural onde partilham na relação com seus pares, tanto conhecimentos processados pelos adultos e transferidos para as crianças, como conhecimentos que elas mesmas produzem ao interagirem umas com as outras.

As crianças são capazes de produzir conceitos e retransmiti-los, interpretando e dando novos sentidos às relações que são estabelecidas como o mundo, com elas mesmas e com os adultos.

A identidade das crianças xavante é uma identidade cultural, capaz de se constituir de tal modo que não é reduzida totalmente às formas culturais dos adultos. “A identidade é um significado – cultural e socialmente atribuído” (SILVA, 2007, p. 89). Dentro da sociedade xavante, a autonomia das crianças será relativa, pois as mesmas fazem e necessitam da interação com os adultos no processo de socialização. Os ritos, ensinamentos e brincadeiras são produtos da interação dos adultos com as crianças, tornando-as participativas dentro do grupo.

(...) a cultura no interior de uma realidade humana é sempre dinâmica, não é fechada ou cristalizada como um patrimônio de raízes fixas e permanentes. A cultura possui fronteiras móveis e em constante expansão. Tampouco é conjugada no singular, já que é plural, marcada por intensas trocas e muitas



contradições nas relações entre grupos culturais diversos, e mesmo no interior de um mesmo grupo (GUSMÃO, 2003, p.91).

Os modos de se manifestar, que as crianças possuem juntamente com os seus sentidos, atitudes, gestos e posições, nem sempre correspondem às nossas interpretações, desejos e anseios. É um equívoco atribuir sentidos verdadeiros para os outros, bem como universalizar as discussões, pois como afirma a autora, “a cultura é sempre dinâmica”. Cada grupo terá formas diferentes de manifestá-la, e que estarão sempre em mudança, não sendo estáticas e engessadas. “Para Sarmiento e Pinto (1997, p.26), é preciso que o adulto não projete o seu olhar sobre as crianças, colhendo junto delas apenas aquilo que é reflexo conjunto dos seus próprios preconceitos e representações”.

As crianças não são simplesmente um “objeto de condicionamento passivo” “um objeto de aceitação dos adultos”. As formas que as crianças encontram para manifestar e transpor aquilo que lhes é determinado faz parte de um meio que elas mesmas demonstram e apresentam para os adultos. Na maioria das vezes essas ações não são compreendidas, ou não são valorizadas.

Desse modo:

pode-se afirmar que os grandes aliados na luta pelo reconhecimento do direito das crianças viverem sua infância (inclusive o direito de transgredir) são elas mesmas, que resistem, reagem, questionam e discordam das imposições dos adultos, principalmente quando a justificativa para a manutenção da ordem é completamente arbitrária e contrária às necessidades e aos interesses das crianças. (SARMENTO, 1997, p. 56).

A não conformidade das crianças com as normas pré-estabelecidas e a criação de outros jeitos de fazer são, justamente, o que as diferenciam dos adultos. As formas de experimentar essas outras maneiras de fazer as coisas sem preocupar-se com as conseqüências dos seus atos representam um ponto central na diferenciação entre crianças e adultos.

Aquilo que as faz terem outros mundos, instituindo outros elementos e expressando, assim, uma cultura infantil, esse jeito de compor novas modas, de inventar estratégias para atender seus interesses e imprimir sua marca, amiúde faz dela uma transgressora sob a ótica do adulto (QUINTEIRO, 2000, p.31).

Observando as crianças xavante, na aldeia de Sangradouro, na percepção do seu cotidiano, fica clara a correlação existente entre elas. As crianças estão continuamente se relacionando entre si, aprendendo e ensinando mutuamente, que é transmitido de um modo extremamente espontâneo, e de forma singular.

Desse modo fica expresso e registrado que, entre as crianças de Sangradouro, temos uma criação de modos específicos, baseando-se no modo de brincar, na imaginação e na interpretação da realidade de uma forma própria, tornando-as diferenciadas do contexto, bem como do dia a dia do adulto. Sendo assim, existe uma grande diferença entre o contexto de um adulto e o de uma criança. São modos e estruturas diferentes, porém, ambas são significativas, cada uma com suas interpretações.

A infância xavante, em Sangradouro também possui hoje traços significativos. Tais traços foram observados por Maybury, os quais são perpetuados nos dias atuais entre as crianças.

Desde os primeiros dias de sua vida, um nenê Xavante é ligado por este laço íntimo a seu pai. Sempre que o pai está presente é ele (e não a mãe da criança) que segura o nenê e brinca com ele. É ele quem o acaricia e tenta distrair sua atenção quando ele chora, mesmo que esteja óbvio que chora por querer mamar. Vi frequentemente pais tentando divertir assim seus filhos chorões, durante, quem sabe, um quarto de hora, até que a mãe viesse a eles, tomasse a si a criança com certa má vontade e a atirasse em seu peito, ao mesmo tempo que repreendia o infeliz marido por falta de habilidade em manter a criança quieta. (MAYBURY, 1974, P.112)

O homem, na sociedade xavante, exerce um papel importante, no que se refere ao processo de “cuidar” da criança, sendo ele, também, comprometido e responsável, não deixando a criança somente aos cuidados da mãe. É muito comum na aldeia ver o homem segurando uma criança, ou até mesmo brincando com ela. As responsabilidades são recíprocas. Nas dez vezes em que estive realizando a pesquisa de campo, não percebi em momento algum, na aldeia, algum pai se “queixando”, ou reclamando por estar cuidando do seu filho.

Outro dado muito importante, que não posso de modo algum deixar de comentar, foram gestos de carinho existente nas relações entre pais e filhos, na sociedade xavante de Sangradouro. Durante a observação em campo, e anterior à realização da pesquisa, nos momentos em que estive em contato com as crianças xavante, não presenciei gestos agressivos para com as crianças, nem pelo pai, nem pela mãe ou comunidade em geral. A criança pode ser advertida por alguma coisa, porém, a agressão física é praticamente inexistente.

Essa percepção foi notada, também, por Maybury (1974, p.112), em sua pesquisa de campo, com os xavante, “O pai nunca bate no filho e muito raramente usa alguma forma de coerção física (...). Os xavante são extremamente permissivos na criação de seus filhos(...)”. É, portanto, uma característica da educação informal xavante, que atravessa as fronteiras da

História. A criança vive uma vida de liberdade, condicionada pelos diversos fatores de coerção do grupo como por exemplo, os ‘sacrifícios com o corpo’, e os ritos de passagem para a adolescência. Fator esse, que entendo ser, de um ponto de vista educacional, como algo muito importante, pois, o indivíduo cresce num ambiente, no qual ele próprio vai construindo os seus significados e, conjuntamente, elaborando esses conhecimentos no decorrer de sua vida.

As mães usam para transportar os bebês uma grande cesta de palha, que é chamada de “Bacté”. Esse cesto é bem confortável e protege a criança do sol, vento, poeira e demais adversidades.

Ele fica deitado, encolhidinho, dentro de uma grande cesta, protegido do sol, se necessário, por uma espécie de “bandeja” curva invertida, feita de palha, que serve de tampa para seu berço. Sua mãe, ou quem quer que esteja cuidando dele, usa a cesta permanentemente suspensa por uma alça apoiada na testa, muito leve em comparação com o peso das cargas que as mulheres Xavante estão habituadas a carregar. Quando o nenê chora, a mulher move seus ombros, para frente e para trás, ao mesmo tempo em que prossegue com a tarefa que esteja realizando no momento. Assim, ela balança o berço e isto costuma fazer o nenê dormir, a menos que ele esteja com muita fome (MAYBURY, 1974, P.112).

O cuidado com a criança é muito presente entre os xavante. A mulher tem como acessório indispensável o “bacté”. Nele a criança está segura. Outro dado obtido nas observações de campo é que o cesto é levado não somente pelas mães, como, também, pelas próprias crianças. Elas carregam seus irmãos de um lado a outro da aldeia, com muito cuidado. Notei, também, que as mães não se sentem inseguras, por deixar o recém-nascido com o irmão menor (de 04 a 08 anos). Esse procedimento é comum na aldeia. Muitas vezes os irmãos menores levam, também, o recém nascido ao córrego para dar banho e acabam ambos interagindo e se descontraindo. Dentre esses o que mais me chamou atenção foi o ritual do banho: o irmão limpa o outro com muito cuidado, carinho e naturalidade. No caso de uma criança não - índia a mãe se desesperaria ao ver o filho mais velho cuidando do outro nas margens de um córrego. Possivelmente, essa mãe repreenderia seu filho e não aceitaria esse fato, por não acreditar que o seu filho seria capaz de transmitir “segurança” ao recém-nascido.

Os irmãos, os parentes, os anciãos, enfim, todos são co-responsáveis no processo educativo da criança, em todos os sentidos, desde a alimentação, assim como na vivência dos valores sociais. A criança vai aos poucos se “descobrimdo” e participando desse meio, de modo espontâneo.

**FIGURA 05- PAI ORNAMENTANDO SEU FILHO PARA O RITUAL.**



**FONTE:** MELCHIOR, Marcelo do Nascimento, 2007.

O recém-nascido recebe alimentação, ou seja, o leite, não só da mãe, mas também de qualquer outra mulher que ainda possua leite. Nesse caso, é muito comum que as mulheres com idade acima dos quarenta anos ainda tenham leite, uma vez que elas ainda se encontram com uma vida sexual ativa e possuem crianças pequenas. É comum que as crianças sejam amamentadas no peito da mãe até que atinjam sete anos. Daí que uma mãe xavante amamente, ao mesmo tempo, cerca de cinco filhos. No decorrer da pesquisa encontrei uma mãe, em Sangradouro, com quarenta e cinco anos que amamentava sete filhos.

Se a mãe não está presente, ele pode mamar no peito de qualquer de suas parentas, tenham elas leite ou não. Às vezes, isto conforta o nenê. Quando não, ele pode ser alimentado com pequenas porções tiradas da boca de uma das mulheres presentes. As avós gostam particularmente de alimentar seus netos pequeninos desta maneira. Vi um nenê de cinco dias receber este tipo de alimentação, que não lhe causou nenhum mal aparente. Em geral, porém, as crianças recebem o peito sempre que desejam, durante os primeiros meses de vida e a mãe freqüentemente se deita enquanto amamenta seu filho e sente um prazer óbvio no relaxamento que isto lhe proporciona. Assim um nenê passa os primeiros anos de sua vida em contato íntimo com a mãe (...). Logo que ele começa a engatinhar, ele aprende a alcançar sua mãe quando quer o peito e geralmente o consegue, a despeito do que ela esteja fazendo. (MAYBURY, 1974, P.112).

A prática simultânea da amamentação a várias crianças é muito comum em Sangradouro. Com o passar do tempo, mesmo ainda amamentando, a criança vai adotando o regime alimentar típico do grupo. Desde pequeninas, os adultos ensinam-lhes a comer outros alimentos, principalmente o milho e seus derivados, sendo este base e fonte alimentícia infantil.

Nesse ambiente de liberdade, a criança deve somente ter o cuidado de não aproximar do fogo<sup>17</sup>.

No período, em que a criança começa a dar os seus primeiros passos, encontra nos animais um interessante “brinquedo” como, por exemplo, o cachorro. Normalmente as famílias possuem em média dois animais cães. O porco espinho, também, é um animal muito comum na aldeia, o que coloca a criança numa proximidade muito grande com esses animais.

Presenciei em Sangradouro, uma criança de aproximadamente quatro anos de idade, que cuidava de um porco-espinho. Em todos os lugares que o menino ia, o animal seguia-o. Voltei à aldeia um ano depois, e o animal estava muito grande e, aquele menino ainda cuidava do animal, que agora estava quatro vezes maior. O animal o seguia em todas as partes, e se algum estranho chegasse perto do menino, o bicho começava, em sinal de proteção, a dar voltas em torno da criança. Estava tão domesticado como se fosse um cachorro. O menino dava ordens e ele obedecia. Poderíamos dizer que era o seu “porquinho-de-guarda”. Todo o espaço da aldeia é receptivo às crianças. As brincadeiras surgem espontaneamente.

Geralmente, uma criança na faixa etária dos três anos começa a se mostrar, em relação aos seus gostos, bem como a demonstrar alguns dengos, que, muitas vezes, são advindos da própria educação fornecida pela família.

MAYBURY, (1974 p. 14) refere-se a forma de tratamento da criança pela família:

Quando as crianças já sabem falar e correr para todo lado, isto é, quando tem cerca de três anos, são, pelos nossos padrões, excessivamente mimadas: reagem violentamente se são contrariadas e desandam a fazer manhas que conseguem prolongar por até meia hora! A reação dos mais velhos é ignorá-las. (...) Certo dia, uma criança pequena recebeu um pedaço de bolo de milho menor do que esperava. Gritou com força e rapidamente chutou sua mãe, primeiro e, depois, sua irmã, sem receber nenhuma advertência por parte de nenhuma das duas nem de seu pai que estava deitado ao lado delas. (...) Um outro menininho, de quatro anos, mais ou menos, queria um pouco da comida de sua irmã (uns dois anos mais velha que ele). Ela não lhe deu e ele, então, correu pela casa toda gritando com raiva e finalmente jogou-se no chão. Ficou esperneando um tempo, depois rolou e, deitado de costas, ficou chutando e continuou a gritar. A “performance” toda durou cerca de dez minutos até que, finalmente ele se acalmou. Ninguém prestou a menor atenção e quando ele silenciou, afinal, e se levantou do chão, sua irmã ofereceu-lhe uma fruta, que ele aceitou.(...).As crianças choram bastante até

---

<sup>17</sup> É comum e faz parte da tradição Xavante, ter sempre uma fogueira pequena dentro de casa, ficando acesa dia e noite. Com esse fogo eles preparam seus alimentos, acendem os cigarros, usam para afastar insetos, etc. Hoje, em Sangradouro essa “fogueira” já não é tão comum, pois a entrada de fogões a gás substituiu esse procedimento no interior da casa, porém, ressalto, que essa “fogueira”, que antes era no ambiente interno, apenas se deslocou para o ambiente externo. Os Xavante continuam fazendo suas fogueiras, porém fora da casa. Notamos nesse fato, o processo de “negociação” existente na cultura, que passa a obter dentro do grupo um outro olhar, não deixando de lado o significado primário. Existe nesse caso, adaptação como meio da própria sobrevivência do grupo.

por volta dos cinco, seis anos de idade, geralmente, mais por indignação do que por outras causas. Os adultos mantêm-se indiferentes ou, então, divertem-se, realmente, quando as crianças choram de raiva.

Os adultos, na aldeia xavante, deixam as crianças expressarem-se, seja pelo choro, seja para expressar pela alegria da própria `watébrémi. “Brigas” envolvendo adultos com crianças são praticamente inexistentes. As crianças se manifestam espontaneamente e, existem poucas interferências dos adultos em relação à “forma de ser” da criança xavante.

Presenciei, numa das minhas visitas a Sangradouro (2005), o ritual do “Danro ho”<sup>18</sup>. Enquanto a comunidade estava envolvida na preparação da festa, as crianças corriam e brincavam pelo centro da aldeia. Não observei, em momento algum, nem os anciãos ou algum outro membro da sociedade, repreendê-las. Pelo contrário, alguns adultos interagiam com as crianças, correndo com elas, derrubando-as. Existe uma evidente interação com as crianças. Mais uma vez fica caracterizado a não proibição em relação a certas atitudes comportamentais das crianças dentro do espaço de convivência xavante.

Para compreender e entender o cotidiano e o comportamento da criança xavante, direcionei a pesquisa, do ponto de vista teórico e da discussão dos resultados, para um viés de compreensão que procurou sair do “padrão” pré-estabelecido e fundamentado pelos não - índios. Geertz (1997) reafirma que essas “novas” compreensões do saber local, referindo-se à importância de se trabalhar o fenômeno tal qual ele é, nas suas diferenças e particularidades e, principalmente, na busca de uma valorização dessas diferenças:

Abandonar a tentativa de explicar fenômenos sociais através de uma metodologia que os tece em redes gigantescas de causas e efeitos, e em vez disso, tentar explicá-los colocando-os em estruturas locais de saber, é trocar uma série de dificuldades bem mapeadas, por outra de dificuldades quase desconhecidas. Imparcialidade, abrangência e fundamentação empírica – e também o poder da lógica – são sinais inequívocos de qualquer ciência que se preze. Os que usam uma abordagem determinativa, buscam essas virtudes elusivas estabelecendo uma diferença radical entre descrição e avaliação e, a seguir, limitando-se a utilizar a parte descritiva; os que, por outro lado, usam a hermenêutica, ao negar que a diferença é radical, ou encontrando-se mais ou menos montados nela, estão impedidos de utilizar uma estratégia assim tão veloz. Se, como eu fiz, obtemos relatos sobre a maneira como algum grupo qualquer – poetas barroquinos, políticos da época elisabetana, camponeses de Bali ou advogados americanos – interpreta suas experiências e depois utilizamos os relatos daquelas interpretações para tirar algumas conclusões sobre expressão, poder identidade, ou justiça, sentimo-nos a cada passo, bem distantes de estilos padrão de demonstração. (GEERTZ, 1997, p. 13)

---

<sup>18</sup> Festa da iniciação dos adolescentes a vida adulta xavante

Compreender o grupo no qual se trabalha, valorizando as diferenças culturais e as identidades do indivíduo é algo importante. Podemos desse modo apreender significados, próprios do grupo. Muitas vezes, utilizando outras vias hermenêuticas, esses fenômenos ficariam obscuros.

Respeitar a diferença não pode significar “deixar que o outro seja como eu sou” ou “deixar que o outro seja diferente de mim tal como eu sou diferente (do outro)”, mas deixar que o outro seja como eu não sou, deixar que ele seja esse outro que não pode ser eu, que eu não posso ser, que não pode ser um (outro) eu; significa deixar que o outro seja diferente, deixar ser uma diferença que não seja, em absoluto, diferença entre duas identidades, mas diferença da identidade, deixar ser uma outridade que não é outra “relativamente a mim” ou “relativamente ao mesmo”, mas que é absolutamente diferente, sem relação alguma com a identidade ou com a mesmidade (PARDO, 1996, p.154).

É nessa perspectiva, que se insere culturalmente, a criança xavante, pois, possui características próprias, o que as distingue dos adultos e de crianças de outras culturas. Sendo diferentes dos adultos, possuem outras formas de viver em sociedade. “As crianças devem ser vistas e entendidas em sua especificidade, e não como adultos em miniatura”, afirma COHN, (2000,p.196).

Desse modo, existe uma grande necessidade de descrever esses processos. Como vimos, a literatura científica pouco se ocupa da criança, e muito menos, da criança indígena. Verifica-se a ausência de uma etnografia desses processos, que analise, o “mundo da criança”.

Os estudos sobre a noção de pessoa vêm possibilitar que se aprenda o modo como cada sociedade concebe a infância e também “o ser pleno” em que ela se desenvolve, permitindo que se veja do interior de cada sociedade analisada o modo como este é definido, e portanto, não estabelecendo como uma construção do pesquisador. Eles permitem entender qual a definição social de humanidade, quais os processos necessários para que se adquira o atributo de ser humano, como a sociedade intervém nesses processos, que não são tidos como finitos, mas contínuos, e como o conjunto dessas variáveis, atua para definir a infância e, alguns casos, os estágios que a conforma. (COHN, 2000,p.197)

Cada grupo e, cada sociedade possui suas significações e compreensões, que são importantes no processo de desenvolvimento cultural do próprio grupo. E, desse processo, participa a criança, sendo, também, ator ativo e participante na construção do grupo ao qual pertence.

Para os Xikrin índios do estado do Pará, as crianças não apenas crescem fisicamente, mas tornam-se também mais envolvidas com a vida social, socializam-se. Para isso, têm de desenvolver a habilidade de compreender o que é ou não socialmente aceitável. As crianças xikrin não têm, até uma certa idade, não tem algumas responsabilidades. Isso quer dizer não apenas que elas não são requisitadas para realizar tarefas consideradas perigosas ou

penosas para sua idade, mas também que não se espera que elas saibam como se comportar. Delas, se comenta: “ela não sabe ainda”, *mari-ket-rã`ã*. Mas o fato de não saber ainda é considerado razão suficiente para não culpar a criança por seus atos. E os Xikrin dizem que uma criança nada sabe porque ainda é criança, mas tudo sabe porque vê e ouve. Já sabemos porque as crianças nada sabem (não se espera que elas compreendam antes de amadurecerem os órgãos que lhes possibilitem a compreensão)(...)Como eles mesmo dizem, é porque elas tudo vêem e ouvem, e é a sua condição de participação em tudo o que acontece que lhes permite ir gradativamente construindo um sentido para o que vêem e ouvem. Assim o que pode nos soar contraditório, a afirmação simultânea pelos Xikrin de que as crianças tudo e nada sabem, deve ser entendido lembrando-se de que elas devem aprender a construir um sentido ao que vêem e ouvem, mas que lhes está aberta a possibilidade de testemunhar toda a vida social e ritual xikrin. (COHN, 2000,p.203)

Cohn, em seu trabalho etnográfico com as crianças, destaca a importância que o ver e o ouvir têm na educação da criança Xikrin, o que ocorre em torno do grupo. A criança, desse modo, ocupa o seu espaço na sociedade, e interpreta o mundo, a partir de tudo o que lhe é demonstrado, produzindo um “sentido” das coisas e atribuindo significações, dadas por suas mais amplas e variadas percepções.

Assim como nos Xikrin, também a sociedade xavante considera importante, para o processo de aprendizagem, deixar que as crianças tirem as suas próprias conclusões das ações de ver e ouvir.

Nem os anciãos, ou qualquer outro indivíduo “obriga” uma criança ou delimita seu espaço, dentro da aldeia. O processo de inserção do pequenino se dá por ele próprio, espontaneamente. A criança participa da vida adulta, pelo processo que o meio interno da aldeia lhe oferece. Esse dado faz com que as crianças indígenas sejam diferenciadas de qualquer outro grupo social. As percepções de mundo de uma criança indígena são na maioria das vezes muito diferentes das de uma criança não índia. Isso ocorre, por vários motivos, sendo um fator determinante, o meio no qual elas crescem e se desenvolvem. Porém mesmo com concepções diferentes são importantes, no processo de significado dos fatos. Cada grupo ao seu modo.

O saber ver e ouvir entre as crianças xavante processa-se, constantemente, no cotidiano. As crianças estão sempre ao lado dos adultos, mesmo quando os anciãos, se reúnem no centro da aldeia, “*Warã*”, para discutirem assuntos próprios do grupo, ou até mesmo para dar conselhos ou tomar decisões. Não observei, em Sangradouro, nenhum ancião chamar atenção ou não deixar a criança ficar próxima deles durante os encontros no *Warã*. É clara a posição dos anciãos ao deixarem as crianças ao seu redor. Esse simples gesto faz com que elas



se interessem das ações da própria sociedade. A criança cresce participando de uma forma simples, sem obrigações determinadas, só pelo simples fato de estar próximas dos mais velhos da aldeia.

Outra característica importante da comunidade de Sangradouro, refere-se ao modo como concebem o tempo: não existem horários fixos para os encontros. Em vários momentos fui abordado, em plena madrugada, para participar de reuniões ou simples conversas no centro da aldeia. E por estranho que pareça, para aqueles que não conhecem a cultura xavante, e as encontro brincando no *Warã*. Não soube que os pais as houvesse chamado para o encontro. Elas estavam ali, sem obrigação nenhuma ou pressão para participar daquele acontecimento. Provavelmente, se apresentam nessas ocasiões, porque percebem a importância dada pelos adultos ao ritual, e, também porque querem participar. “Mesmo quando não participam ativamente do ritual, as crianças estão sempre presentes, observando seus preparativos e todos os acontecimentos que lhes chamem a atenção.”(COHN, 2000,p.207).

### 2.3 O ir e vir na aldeia....

Como já foi dito, as crianças xavante, de Sangradouro, circulam tranquilamente dentro e nas proximidades da aldeia, e do ponto de vista das relações que estabelecem entre si. Não há interferências dos pais e da comunidade, seja nas brincadeiras, como nos “estranhamentos”<sup>19</sup>. Tudo se resolve entre elas mesmas. Não há interferência por parte dos adultos. Elas fazem os seus “acertos”

Os Xavante nunca intervêm nas brigas das crianças. Deixam que brinquem e briguem entre si, sabendo que toda a criança pode deixar o grupo e voltar para casa quando quiser, optando por sair de uma situação qualquer que a desagrade. Os pais não incomodam, portanto em saber quem tem ou não razão nas querelas das crianças. Se uma criança volta chorando para a casa, eles a consolam e pronto. Nunca há rugas entre os adultos por causa do que ela fez à outra. (MAYBURY, 1974,P.116)

Cada criança vai aos poucos, no mundo cultural xavante, formando a sua identidade. Identidade essa que, constantemente, vai se reformulando a partir do contato e conhecimento, que esse sujeito vai adquirindo em suas relações sócio-culturais “é precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais

---

<sup>19</sup> Discussões entre as próprias crianças. Divergências de pensamento.

específicos”(HALL, 2007, p.109). Todo o conjunto da aldeia é importante para a criança. Porém, é a própria criança que vai formando o seu mundo.

A Criança Xavante possui uma visão da realidade diferente da dos adultos, o que é enriquecedor, pois o indivíduo é valorizado em suas significações. Não há idéias contrárias para com o “jeito” e atitude de ser criança xavante. A sociedade entende suas manifestações dentro do grupo.

Na sociedade Xavante, a criança é vista como ator fundamental na constituição étnica do grupo, sendo desse modo totalmente valorizada e respeitada em sua faixa etária. Dificilmente, entre os não-índios, há liberdade de manifestação entre as crianças. As mesmas são criadas e educadas dentro de um “conjunto de proibições”, “nada pode fazer”, “tudo é proibido”.

As crianças possuem a liberdade e o direito de ir e vir. Elas montam e criam as suas redes de relacionamento. Vão em grupo ao córrego, andam em torno da aldeia. A partir dos três anos de idade começam a “explorar” o seu território. Na aldeia, durante as observações, não ficou caracterizado a proibição quanto ao trânsito das crianças, nos mais variados locais. Os pais, de maneira alguma limitam seus filhos diante de qualquer possibilidade de riscos, estando no riacho, ou até mesmo distantes do centro da aldeia.

Logo que as crianças aprendem a andar e a correr com firmeza, isto é, ao final do seu segundo ano de vida, elas começam a se aventurar fora da casa ou do aglomerado de abrigos de seu grupo doméstico e começam a brincar juntas. Andam em bandos pelo acampamento e brincam no cerrado e no riacho mais próximo. (...) As crianças Xavante são geralmente auto-suficientes por volta dos três anos de idade e já bastante capazes de se cuidar. Passam o tempo brincando e vendo o que acontece pela aldeia. (MAYBURY, 1974,P.116)

O fato das crianças circularem livremente, no espaço da aldeia e se relacionarem entre si, não significa que os pais e, os anciãos estejam preocupados com elas. Ao contrário, as crianças de Sangradouro são formadas e educadas para uma vida autônoma e independente, conseguem e vão aprimorando-se cada vez mais as suas relações sociais, sem taxações. A comunidade e os pais servem de guia para a formação da criança. Ela mesma vai se direcionando. Não existem normas pré-estabelecidas sobre o modo de as criança atuarem dentro e fora da aldeia. A partir de suas experiências, cria-se um modelo educacional, próprio do grupo, tendo como protagonista principal, a própria criança.

As crianças xavante estão em contínua interação entre si, desde as brincadeiras, os momentos de deslocamento da aldeia para a cidade, ou para escola. Existe uma relação recíproca de envolvimento.

Quando as crianças não rodeiam os adultos a toa, espiando-os ou esperando que lhes dêem pequenos bocados, brincam de imitá-los. Fazem corridas de buriti com pauzinhos no lugar de troncos ou apostam corridas simples, tal como os meninos durante as cerimônias de iniciação. Enfrentam-se em lutas de mentira, empunhando feixes de palha ou brincam de caçar. Acima de tudo, gostam de dançar como os mais velhos ou fazer brincadeiras nas quais eles representam diversos animais. Este é um estágio importante no desenvolvimento de uma criança porque é nesta fase que ela toma consciência das distinções que são tão importantes na vida Xavante. (MAYBURY, 1974,P.117)

As brincadeiras perpassam a vida da criança, como algo fundamental no seu processo de desenvolvimento e estruturação dos modos éticos, próprios do grupo. Destaco que boa parte das brincadeiras, acabam por ser um espécie de ensaio para os rituais e festejos que acontecem na aldeia. As crianças dançam, imitam os gestos dos adultos, a forma de falar, enfim, boa parte dos acontecimentos da aldeia são espelhados pelas crianças, brincadeiras das crianças.

Os anciãos vêem com bons olhos, quando as crianças transpõem, em forma lúdica, tudo aquilo que passa na aldeia. Pois, segundo eles, quando aqueles tomam essa atitude, os valores tradicionais da sociedade estão sendo perpetuados e repassados de geração em geração.

O modo como as crianças xavante brincam reportam-nos ao poema “Brincadeiras” de Manoel de Barros, (2005), principalmente aos versos (versos 19 e 20) em que as crianças, que no seu brincar com as palavras encontram “Cipriano”, o “índiozinho guató” também livre no seu modo de ser e agir “ Ele obedecia a desordem”. Barros compara o ato de brincar com as palavras, muito comum na criança de todas as culturas, com a liberdade experienciada pelo “índiozinho” “Cipriano”.

Entendo-o como uma forma de pela palavra poética de falar das compreensões de mundo e do processo de aquisição da linguagem que são próprias dessa faixa etária.

*Sarewai Wasu`u*<sup>20</sup>

## HISTÓRIA DO POVO QUE NÃO SE DEIXA VER

Eu vou contar a história dos Sarewa. A história do A`uwê que criou outro mundo.

Eu vou contar.

O povo A`uwê antigo se chamava Warazu rãprére. Vivia em *zomori*...

Os pais e os irmãos de seu cunhado já haviam sido mortos. O cunhado também iria morrer...Seu irmão ouviu os comentários. As pessoas estavam planejando acabar com ele:

- Você já sabe? Eles vão acabar com seu cunhado!

- É verdade?

- E, é verdade sim.

Ele ficou muito preocupado. Ele gostava de seu cunhado. Os dois tinham muita afinidade e ele não queria que fosse morto. Ele deitou e pensou muito. O que podia fazer para ajudar o cunhado? Ele pensa num plano...

No dia seguinte os homens saem para a caçada. Ele vai junto e machuca o pé. Um dos homens comenta com seu irmão que ele está com o pé machucado e o irmão vai ver o que aconteceu:

- O que aconteceu? Você machucou seu pé?

- Sim eu machuquei. Vocês podem seguir o caminho, eu não posso andar agora. Vou ficar aqui até melhorar. Daqui uns três dias eu vou me encontrar com vocês. Vou seguindo a trilha de vocês.

O cunhado preocupado, decide ficar com ele para ajudá-lo. Os dois ficam para trás. Seguem outro rumo. Iam criar outro povo.

À tarde ele se prepara. Se enfeita, arruma o cabelo e faz gestos com a mão, como se estivesse chamando...os dois mudam de acampamento, vão para outro lugar. Ele fica encostado no tronco de uma árvore, seu cunhado fica perto. Ele se enfeita à tarde, do mesmo jeito e faz os mesmos gestos com a mão. Ele então manda o cuidado buscar talos de buriti. Manda cortar em pedaços pequenos e amarrar. Ele deixa pedaços de talo no lugar, como sinal para quando seu irmão vier procurar ele.

---

<sup>20</sup> Extraído do livro "Mito e História do povo Xavante"(1998). Esse mito traça um paralelo extremamente significativo entre xavante e não índios, ilustrando as dificuldades e os conflitos que o grupo vivenciou pelo contato com outra cultura. O mito traz um significado forte, pois a partir dele podemos entender como se manifestam os xavante hoje.

Ele cria então a primeira mulher, com o wabuwa`õno. E cria a primeira casa. No dia seguinte a tarde, ele se enfeita de novo, se prepara, faz os gestos de chamada e cria outra mulher para seu cunhado. Cria também mais uma casa.

No terceiro dia faz outras casas e o povo vai aumentando. As casas formam uma linha comprida e curva, em semicírculo.

O irmão volta ao acampamento para ver o que estava acontecendo. Chega escondido e olha a primeira casa. No dia seguinte ele volta e vê as duas casas. E quando volta no terceiro dia fica admirado com todas as casas e o povo na aldeia. As crianças, as mulheres, o barulho...Muitas vozes, muitos gritos de criança brincando.

O tempo passou a eles se distanciaram definitivamente. Eles criaram um novo povo – os Sarewa.

Os Sarewa criaram muitas coisas, muitos costumes e cerimônias.

### CONFLITO COM OS SAREWA

Os Sarewa e os warazu rãprére viviam num mesmo lugar. Caçavam num mesmo lugar. Mas ninguém podia ver os Sarewa. Eles tinham muito poder.

(...) Os Sarewa forma chegando cada vez mais perto, mais peto. Eles têm o poder de não se deixar ver...

Quando o rapaz percebeu, era tarde demais. Os Sarewa estavam ali, jogando Dawede (veneno) nos velhos.

\_Pu, pu, pu, pu, pu...

Assoprando o pó para que os velhos não reagissem. Os velhos caíram no chão sem consciência e os Sarewa baixaram suas bordunas. Todos os velhos morreram.

O Rapaz ficou em cima da árvore e correu. Correu muito, até a aldeia. Quando estava se aproximando, começou a gritar, o grito rápido de aviso de perigo:

\_ Kõe! Kõe, Kõe, Kõe!!!

O povo na aldeia já sabia que alguma coisa ruim tinha acontecido...

-São eles! São eles!

\_Sim os Sarewa. Mataram todos os velhos!!

Todo mundo correu para casa para pegar as armas e os paramentos. Pegaram arcos e flechas, urucum, carvão, grvatas e embira. Seguiram rápido e só pararam no meio do caminho para se preparar.

O grupo se dividiu em duplas para se pintar e atar as embiras. Um ajudando o outro. So um A`uwê ficou sozinho, sem companheiro na hora da pintura. Ele ficaria sozinho também na hora do conflito.

(...) Os Velhos disseram:

-A luta vaizer dura. Vai ser corpo a corpo. Vocês tem eu ser fortes. Derrubar o inimigo na sua passagem. Os guerreiros eram muito corajosos. Não tiveram medo! Ficaram quietos, abaixados, escondidos...esperando o momento.

(...) Os sarewa que estão se aproximando, tocam de novo as flautas e gritam:

-Liiiiiii!!!!Ahhh!Ahhh!

Os Warazu rãprére decidem:

-Vamos atacar!

Quando os Sarew percebem, já estão cercados. Estão no meio do cerco. Muitos guerreiros atacam de todos os lados. Gritando.

Era muito barulho! Muito movimento! O Chão tremia!

Os guerreiros conseguiram matar todos os Sarewa. Assim foi. Assim acabou esse combate!

Assim contam os nossos pais! Nossos antepassados se vingaram do ataque dos Sarew<sup>a</sup>

Ãné!

## CAPÍTULO III

### A CONCEPÇÃO DE CRIANÇA XAVANTE, ANTERIOR AO NASCIMENTO.

Na sociedade xavante existem alguns procedimentos que são fundamentais, no que se refere ao período anterior ao nascimento da criança. Os anciãos e demais do grupo, tomam alguns cuidados em relação ao que se ingere, ao que se faz para que a criança não sofra alterações em seu nascimento. Cria-se uma simbologia anterior ao nascimento da criança.

A casa deve estar limpa, tudo organizado. Caso isso não aconteça, a criança nascerá com algum problema. Para os anciãos, a criança que nasce num ambiente sujo, será uma criança feia, devido à situação na qual se encontrou em seus primeiros momentos de vida.

A alimentação da mãe, também é fundamental para uma boa gestação do feto. Os Xavante cuidam bem da mulher que se encontra nesse processo. Alguns alimentos são indispensáveis durante os nove meses de gestação, entre os quais: o coco de palmeira de acuri, palmito de acuri, coco de macaúba, batata branca da floresta, feijão, semente de abóbora cozida e abóbora. A carne é proibida na gestação, pois, segundo consta na tradição Xavante, a carne provocaria vômito na mulher, o que prejudicaria a sua gravidez.

Existe dentro da organização do grupo, todo um cuidado com a mãe. Os anciãos preservam muitos mitos em relação à gestação da mulher. Esses conceitos são rigorosamente seguidos. Essa simbologia, também está presente no cotidiano do marido. Ele deve restringir-se de alguns alimentos para que não haja problemas no nascimento da criança.

A carne de perdiz é proibida para o homem. Segundo os conceitos xavante, caso ele ingira essa carne, a criança nascerá morta. O mesmo acontece se o homem ingerir ovos de tartaruga. Nesse caso, quem morreria seria a mulher no momento de seu parto.

Quando a mãe dá a luz ao seu filho, ela só poderá vê-lo decorridas vinte e quatro horas. Nos primeiros dias de vida a criança é amamentada pelas avós ou tias, ou algum outro parente próximo da mãe. A lista seguinte<sup>21</sup>, especifica que alimentos, segundo a tradição

---

<sup>21</sup> PADI- o tamanduá, se o comerem, o menino não crescerá;  
 PATIRE- o tamanduá-mirim, pelo mesmo motivo;  
 WAPTSÁWAWÊ- raposa, se comerem, o menino ficará magro (a raposa na dieta Xavante, é alimento reservado aos velhos);  
 WAÕ- o quati, e WA`RITIRE- seriema, proibidos pelo mesmo motivo da raposa;

xavante, não deverão ser ingeridos, nem pelo homem nem pela mulher, sob pena da criança sofrer danos na sua vida. Essas normas são seguidas por todas as famílias:

O consumo de todos esses alimentos são restritos, tanto aos homens como às mulheres, conforme abordamos anteriormente. Sabemos que está presente, nessa abordagem uma mitologia muito forte, que se manifesta até os dias atuais. São gestos, atitudes e saberes próprios do grupo. Isso proporciona uma grande interação em todos os níveis sociais da sociedade xavante. Pois, cada família, respeitando essas prescrições, estará cumprido o seu papel na construção da identidade do grupo.

A abstinência feita pelos pais é signo das responsabilidades que um xavante tem diante dos demais.

Esses conceitos, próprios da etnia, estendem-se oralmente. Quando as crianças vão tomando consciência das coisas, elas, também, enxergam a importância e representatividade do grupo. E que elas são peças-chaves no processo de reprodução da cultura.

Nos decorrer da realização da pesquisa de campo percebi que todas as famílias cumpriam religiosamente esses valores culturais, estabelecidos no grupo. Valores esses, rígidos, inerentes ao cerne da cultura.

---

WII,-a perdiz, que ao homem é proibido até mesmo tocar, e A`RÃ`RU, o mutum, porque ambos causariam ao menino freqüentes desmaios (Epilepsia). Isto vale, também, para AAAPRÊ, o jacu, e em geral proibidos até que o menino dê os primeiros passos;

ADZÊ- o veado macho, que provocaria no menino a disenteria; a gazela, ao invés, pode ser comida sem perigos por ambos os progenitores;

TEPEPE- um peixe que provocaria a hérnia umbilical;

PEWATÔ- um outro peixe, que causaria dor de barriga, como, também, o WARARE- o tatu pequeno;

WARÃHUDU- o tatu bola, impediria o crescimento do menino; e, também, o UHORE- o caititu, e a UÃ, a tartaruga;

RAWA- a paca, não se pode comer senão o menino não dormirá;

WA`WA- a piranha, se comida não deixaria o menino crescer; como também faria a sua pele tornar-se preta;

UTOHO- a pele de anta, não pode ser comida, porque, também nesse caso, a pele do menino tornar-se-ia preta; ao contrário, pode-se comer as outras partes da anta (UHODO);

UBDO- a capivara é proibido comer, porque provocará inchaços na barriga do menino; O homem não pode tocar, nem sequer matá-la. Na alimentação Xavante, a capivara é alimento reservado aos velhos;

UHÔHÔ- a pele do porco-do-mato, se comida, a pele da criança tornar-se-ia preta; as demais partes podem ser comidas tranquilamente (UHO);

UHI- os feijões, tornariam preta a pele do menino; não podem ser comidos;

WEDE`RÃPÔ- o fruto do cumbaru daria prisão de ventre na criança;

WEDE`RÃPÔDZÕ- a castanha do fruto do Cumbaru deixariam o menino sem cabelos, provocariam a calvície.

(Dicionário Xavante, 2003 )



Os xavante mantêm grande parte de suas manifestações culturais e, não abrem espaço para a não realização de algum costume estabelecido, hierarquicamente. São, aos olhos dos não-índios, extremamente conservadores. Atitude que porta consigo um significado: existem elementos da cultura que não são negociáveis.

Porém, em vários outros aspectos existe um amplo processo de negociação. As formas de adequação ao meio permitem, também, a interculturalidade e por vezes, direciona para uma outra perspectiva cultural. E existem processos negociáveis nos quais também são mantidos dados da cultura, porém, de um modo hábil, versátil e dinâmico. Nessa perspectiva, as crianças xavante, a partir de seu nascimento, inserem-se no mundo. Um mundo cheio de simbologias e significados, compreendendo durante a convivência com seu povo.

Por assim ser, a criança desenvolve, ao longo da vida, características culturais que são próprias do grupo a que pertence, neste caso os valores culturais que trazem consigo.

Os pais dedicam-se por completo, preparando-se para o nascimento da criança. Vejo isso como um dado fundamental, pois a criança começa a interagir, antes mesmo do seu nascimento. Sendo que essa preocupação visa um “bem nascer” da criança, para que ela seja forte e robusta, e faça parte do grupo.

O adulto acompanha os primeiros passos da criança com atenção, agindo como alguém que está ali para proteger-lhe e ensinar-lhe tudo para que nasça no caminho certo. Elemento da tradição que fica evidenciado na seguinte descrição dos primeiros contatos da criança xavante com o mundo. Relato feito por um ancião:

A criança começa a andar: primeiro engatinha na mão, depois levanta-se, e a mãe finca o UYBRO no chão, e então a criança pega com aquele cacete e se levanta, começa a se levantar, depois se levanta, se levanta outra vez até ficar firme, e fica dura. Então a criança começa a andar em redor do cacete. Então aprende a andar sozinho. E, quando ele solta aquele UYBRO, começa a cair, depois ele agarra outra vez e se levanta, depois solta e começa a andar; ele cai outra vez, depois se levanta outra vez, se levanta um pouquinho e cai. Depois assim ele vai se acostumando a andar e fica andando. Depois começa a correr, correr um pouco e depois aumenta a corrida. E assim criança Xavante anda. (...) Quando uma criança Xavante nasce, é a mulher que fala. Quando um Xavante pergunta a uma viúva: - de quem é esta criança? - Daquele homem. - É só aquele homem? - É mais outro, mas o outro foi uma vez. - Está. E assim antigamente os Xavante não falavam mal, quando a viúva tinha criança. (...) Quando a criança cresce, aquele pai da criança dá uma coisa para a criança, e dá comida e dá

presentes. Então a mãe a falar (confira grafia): - Ó filho, aquele homem é seu pai. Então o menino cresce um pouco e conhece aquele homem que é seu pai. Então o menino vai à casa daquele homem, vai viver e vai lá para brincar e para comer, e quando acaba de brincar, depois de viver um pouco lá, volta para a sua mãe e dorme na casa da sua mãe. (Relato de um ancião)

#### Relato II

“As crianças Xavante nunca nascem sem pernas, sem mãos, sem braços, nunca; sempre há pernas, sempre há braços, sempre há mãos. Só quando a criança não anda e não levanta e fica sempre engatinhando até um pouco grande, mesmo quando o menino ainda se arrasta e anda na mão, assim mesmo o pai e a mãe, todos os xavante gostam, porque mais tarde vi acontecer, e mais tarde vai adoecer e morrer, só isto pensa o seu pai, gosta quando não anda e não fica de pé e sempre está no chão, e assim mesmo o pai e a mãe e o vovô gostam dele. E aquele menino que não anda e não fica de pé e sempre se arrastando e sempre se engatinhando e chega a doença e começa adoecer, depois vêm a sujeira, faz a privada dentro da casa e aquela criança fica sujando e chega a doença e começa a adoecer e fica magro, e mais magro até morrer, e assim a criança morre, que não anda, que não fica de pé, e que sempre se arrasta no chão. E assim a criança que não anda morre por doença e por sujeira. Quando a criança morre o pai a mãe o vovô choram, choram muito, porque esta criança não é filho de cachorro, não é cachorrinho, é gente, é filho de xavante, o pai e a mãe e todos choram muito mesmo. A criança boa começa a andar assim: primeiro engatinha na mão, depois levanta-se, e a mãe finca o UYBRO no chão, e então a criança pega com aquele cacete e se levanta, começa a se levantar, depois se levanta, se levanta outra vez até ficar firme, e fica dura. Então a criança começa a andar em redor do cacete. Então aprende a andar sozinho. E, quando ele solta aquele UYBRO, começa a cair, depois ele agarra outra vez e se levanta, depois solta e começa a andar; ele cai outra vez, depois se levanta outra vez, se levanta um pouquinho e cai. Depois assim ele vai se acostumando a andar e fica andando. Depois começa a correr, correr um pouco e depois aumenta a corrida. E assim a criança dos xavante anda.”

Percebemos, nessa descrição, uma preocupação no que se refere à vida social da criança, e a seus princípios. Há uma preocupação, mas não exagerada em saber quem é o pai

da criança, o importante é que a criança saiba e assim, também, o grupo saberá. Todos são responsáveis por todos, sendo de responsabilidade mútua, em todos os aspectos. Não notei em minhas observações, um indivíduo que se negasse a assumir o compromisso para com o outro.

Nessa estrutura de co-responsabilidades, a criança Xavante nasce e vai compreendendo que ela é parte de uma comunidade, enquanto categoria social. Vai desenvolvendo-se e estruturando-se dentro da sociedade. Toda a comunidade faz com que a criança seja introduzida no processo do conhecimento das tradições, deixando-as manifestarem-se, seja oralmente ou gestualmente.

As habilidades expressivas das crianças são todas bastante encorajadas, fonte de comentários e orgulhos. Os adultos gostam de ver crianças respondendo a um canto com passos de dança, e as mulheres gostam de colocar seus bebês próximos uns aos outros, encorajando sua interação. Tendo em vista o risco de perda do Karon de um recém nascido, as pessoas devem falar com ele quando está chorando, e essa necessidade de manter uma comunicação com ele pode ser entendida como um esforço de manter sua ligação com o mundo dos vivos e do social. Estando maiores e começando a falar, os adultos costumam forjar conversações com as crianças. Seguindo minha argumentação até aqui, recupero essa situação para demonstrar que essas conversas “forjadas” com as crianças não são simples fórmulas voltadas ao público infantil, e nem mesmo *baby-talk*. Assim os adultos não realizam, nesses casos (embora o façam freqüentemente), adaptações à habilidade comunicativa das crianças, tentando entender o que elas querem dizer e tornar sua fala compreensível, mas simulam uma situação de interação corriqueira entre as pessoas. Essas conversas envolvem sempre, além da criança, no mínimo mais duas pessoas mais velhas, normalmente adultas. Elas versam sobre assuntos discutidos no cotidiano, como por exemplo atividades produtivas e relações entre as pessoas. Um dos adultos faz perguntas à criança, que são respondidas pelo outro como se fosse a endereçada, esperando-se que ela repita as respostas e dê continuidade à comunicação. Assim utiliza-se termos tais como eles aparecem nos diálogos entre adultos, e versa-se sobre assuntos que não são eminentemente do universo infantil. Com freqüência, essas conversas são provocativas e jocosas, e as crianças são encorajadas e estimuladas a responder a essas provocações, normalmente com mais provocações. Simultaneamente, a criança aprende a se expressar e comunicar e atualiza relações sociais. (COHN,2000,p.210)

Todo o ser xavante é envolvido nas atividades da aldeia, desde o corpo às interações sociais. É um conjunto de ações que faz com que as crianças participem e desenvolvam suas potencialidades, enquanto pessoas dentro da sociedade, tornando-as membros fundamentais no grupo. O ensinar e o aprender caminham juntos na aldeia de Sangradouro. “Saber ensinar” a ser um xavante faz parte de “saber aprender” a ser um xavante e vice-versa” (NUNES,1999,p.148-153). Existe uma interação recíproca nas diversas classes de idade Xavante.

### 3.1 A Criança xavante e as interações no grupo

A organização interna dos diversos grupos existentes dentro da aldeia, e o papel que cada um ocupa dentro dele são determinadas a partir das orientações processadas e organizadas pelo próprios membros do grupo. Cada indivíduo possui uma formação específica e participa a seu modo das atividades do grupo.

Todos os povos desenvolveram estruturas simbólicas nos termos das quais as pessoas são percebidas exatamente como tais, como simples membros sem adornos da raça humana, mas como representantes de certas categorias distintas de pessoas, tipos específicos de indivíduos. Em cada caso em separado, surge, inevitavelmente, uma pluralidade de tais estruturas. Algumas são centradas no ego, como por exemplo as terminologias do parentesco; isto é, elas definem o status de um indivíduo em termos da sua relação com um ator social específico. Outras se concentram em um outro subsistema ou aspecto da sociedade, e são invariáveis no que diz respeito às perspectivas dos atores individuais. (...) Os sistemas de símbolos que definem essas classes não são dados pela natureza das coisas – eles são construídos historicamente, mantidos socialmente e aplicados individualmente. (GEERTZ, 1989, p.151)

Assim o membro do grupo define como ocupará seu lugar, cada grupo cultural faz e forma as suas normas e sua organização interna, distribuindo funções e compondo uma variada estrutura que expresse sua cultura, o que o faz particular e singular em relação aos demais grupos. A “lógica” da criança xavante é respeitada pelos demais, independente da função ou da idade que possua. O que se procura na aldeia é valorizar o indivíduo, enquanto pessoa, com suas funções e atribuições, respeitando cada um em suas particularidades.

Os estudos referentes à antropologia da criança, estão buscando construir um espaço de reflexão no qual a perspectiva das crianças seja analisada e refletida de acordo com a cultura dos diversos povos. Desse modo, podemos entender a visão de mundo que as crianças possuem, suas simbologias e significados, o que produz e reproduz.

Nas sociedades indígenas brasileiras, de acordo com os relatos e trabalhos disponível, a fase que corresponde à infância é marcada pelo que consideramos ser uma enorme liberdade na vivência do tempo e do espaço, e das relações societárias que por meio destes se estabelecem, antecedendo ao período de transição para a idade adulta que não inaugura limites e constrangimentos muito precisos. (...) Pelo que tenho observado entre os A'uwe Xavante, posso afirmar que a liberdade experimentada no período da infância permite as crianças uma melhor compreensão e partilha social. (NUNES, 2002, p.65)

A relação da criança xavante com o que lhe cerca é extremamente significativa. Ela cria os seus modos de relacionar-se com a natureza e com as pessoas. Tudo é perceptível de um modo muito claro. Observando o cotidiano das crianças, suas ações, e maneiras de relacionar, o que nos chama a atenção logo de início é a forma espontânea de manifestarem-se. O modo com que se relacionam entre si, o jeito que andam, como correm, como brincam. A transição para a fase adulta encontra grande suporte nas experiências que a criança viveu em sua infância.

A questão da liberdade está totalmente enraizada na cultura do povo Xavante. (...). Os Xavante lutam por seus propósitos e ideais, são capazes de enfrentar tudo e a todos para alcançarem suas metas. (...) A liberdade é um critério fundamental para que um Xavante possa viver em plenitude e, principalmente, na alegria. (MELCHIOR, 2004,p.54)

Nessa análise podemos notar que, o apreço à liberdade em todas as fases da vida é característica do grupo. Sendo assim, quando criança, se enraíza-se nesse modelo educacional, perdurando, posteriormente, nas demais fases da vida.

O trânsito na aldeia e em seu entorno é muito comum, havendo poucas restrições, ou determinações. A valorização e confiança no indivíduo é grande. Emerge, desse viés de pensamento, uma nova forma de pensar, não somente a criança, como também o adulto.

[...] as crianças vivem em permissividade quase sem limites, são onipresentes na aldeia e nas áreas circundantes, e punições quase não acontecem. (...) E é exatamente essa aparente desordem ou falta de ordem, ou, antes, uma ordem vivida de outro modo, imersa num espírito lúdico, espontânea e sem compromisso, que pode estar no cerne de todo um processo educacional. Afinal o que pode parecer caótico e sem regras obedece a esquemas rigorosos de construção e transmissão de saberes, e é desse modo que as crianças os incorporam e deles vão tomando consciência. (NUNES,2002,p.72)

Na concepção não-índia, o primeiro impacto, que se tem, ao ver o desenvolvimento da criança na aldeia é negativa, pois, essa “permissividade” em relação às crianças não foi concebida por nossa concepção que opta por educar pela coerção e repressão em detrimento da liberdade. Essa última, tem entrado na pauta de educação dos educadores, tendo refletido na educação informal (aquela recebida em casa) mas, nunca, numa perspectiva assim ampla como a indígena.

Visão que causa estranhamento aos olhos daquele que não vive e não conhece o grupo xavante e nem seus valores étnicos, mas que analisam com um outro olhar educacional, não sinalizando a uma cultura dinâmica.

(...) é de uma maneira muito livre que as crianças aprendem a identificar os limites que regem sua sociedade, abordando-os e vivenciando-os por todos os

lados e em todos os sentidos, dentro e fora, pública e privadamente, obtendo um conhecimento pleno da vida naquele lugar e daquelas pessoas com as quais interagem. É a “solta”, poderíamos dizer, que passam a conhecer as regras que todos seguem, as concepções que estão na base que lhes permite situar-se no mundo e interpretá-lo. E passam, também a conhecer os temperamentos, as manias, as capacidades, as dificuldades e as vontades de cada um, e como se expressam, pessoal e comunitariamente.(...) as crianças também acompanham outras crianças, maiores ou menores, em suas habilidades, suas invenções, seus conflitos, suas descobertas, seus medos, seus modos de perceber, sentir e reagir aos outros. (NUNES,2002,p.73)

Nunes evidencia a interação que as crianças realizam entre si, aprendendo uma com as outras. Entre os xavante, a interação é fato presente. As crianças estão constantemente na presença de outras crianças. Há um conhecimento oralmente sistematizado, em que elas mesmas vão atribuindo significados.

Passo a analisar dois fragmentos de entrevista<sup>22</sup> de um ancião, no qual ele faz uma descrição de seu “olhar” sobre as crianças. Relaciona e comenta como a elas manifestam na aldeia, no que se refere às brincadeiras. É claro que esse “olhar” vêm de um adulto que analisa a infância com suas concepções, muitas vezes, pré-definidas.

#### Relato I

O menino e a menina Xavante brincam e cantam, o menino contra o menino jogam as flechas contra o outro, e joga peteca contra outro e faz uma espécie de luta (veja no original, parece faltar uma vírgula) prender o outro, chama-se TSIMIDZAHORIDA: Outra parte da casa, da aldeia, e outra casa reparte – por exemplo a minha casa está no meio de todas, então a minha casa representa todas as casas de cá, a casa do Eedi representa todas aquelas de lá, porque estão no meio; chama-se `rinoudu. É uma parte das casas, e os meninos de cá e os meninos de lá, brincam entre eles e lutam e se pegam no corpo, se pegam no braço, então aquele outro defende ele, e tira, depois outro puxa e tira de cá, depois outro puxa e tira de cá, depois o menino do outro lado, ele não agüenta e tira o outro menino e leva de cá, depois pega outro, e assim acabando aqueles de lá. E então prende, como espécie de escravinho, um brinquedo de escravo e pega e prende, depois outro vai para prender, e outro guarda e toma conta, aquele menino de lá, prende e toma conta. Se o menino quer escapar e corre, depois corre atrás e pega outra vez

---

<sup>22</sup> O relato acima fora feito pelo ancião Alexandre da aldeia de Sangradouro MT. No dia 04 de janeiro de 2007.

e leva no mesmo lugar. Isso é o brinquedo da noite (confira pontuação no original) só da noite. E quando está cansado, o pai, o pai está esperando e pergunta à mãe: - Onde está seu filho? – Está lá brincando. Então pega ele e vai, está na hora de dormir, chega de brincar. Depois a turma de cá reúne e senta, e a turma de lá também reúne e senta, e falam de uma coisa que aconteceu lá, entre os meninos pequenos, `watébrémi. E falam: - Olha, nós ganhamos e eles perderam, não agüentaram; então nós estamos com sono, vamos dormir. Então cada um vai para a sua casa e dorme, e amanhã não sabe o que vai fazer, então pega o arquinho e pega as flechinhas e vai no mato atrás das casas, perto da aldeia e caça um bichinho que tem rabo comprido, Apa, a lagartixa, e mata e depois dá para o gavião que foi criado, depois pega gafanhoto, `Ridi , e pega e come. Depois tira as aboborinhas novas que estão atrás do lixo e cresceram e nasceram aboboras.

## Relato II – A Caçada

Durante a caçada os meninos vão até uma clareira, e aí jogam e brincam um segurando o outro pela cabeça, depois cantam hooor, cujas palavras significam que alguém está cortando palmito de babaçu, para comer. Cantando, um grupo de meninos, segurando-se pela mão, vai de encontro ao outro, grupo, e encostam a cabeça um ao outro: Cantam que a mãe foi pegar o palmito de babaçu para comer. (...) Ao terminar o canto terminam também o brinquedo. Então um pergunta: Onde mataram o veado? Outro responde: - foi ali. – Onde que você deixou a tartaruga? – Foi ali. E assim continua o brinquedo das perguntas e das respostas. No fim da brincadeira vão tomar banho e depois vão para a casa, porque estão com fome. Então comem aquilo que foi preparado e trazido ao acampamento de caça. Esta é a vida dos meninos e meninas Xavante dos meninos e menina não são obediente, e respondem ao pai, são castigados. Quando uma menina não quer ir buscar água ou ajudar a mãe, esta o castiga. A mãe pode castigar também o menino e o pai a menina. Os pais que querem bem aos filhos, não o castigam mas falam com eles e os meninos aprendem. Se um pai não ama muito os filhos, quando estes são desobedientes, ele os castiga; então a mãe diz ao marido: - Por que você os castiga? Fale com eles, como eu faço. Quando acontece o contrário, o marido não diz nada à mulher. (Relato de um Ancião)

As formas de interação e a orientação à criança ocorrem no dia a dia, as quais são processadas por elas, a seu ritmo. “Para as crianças, o dia a dia na aldeia vai se alternando entre algumas tarefas domésticas que observam, fazem sozinhas ou nas quais ajudam: lavar roupas e louças, tomar conta dos irmãos e irmãs menores, dar-lhes banho, levar água para casa, ajudar a limpar as casas etc.” (NUNES,2002,p.73).

A descrição de Nunes de preparar algum alimento, levar e trazer recados ou coisas, enxotar as galinhas de dentro deixa claro as atividades que a criança exerce na sociedade xavante. São pequenas formas de ajuda, porém, importantes para esse período no qual estão em processo de crescimento. “Tudo é permeado por significado real e tem uma aplicabilidade concreta.” NUNES,2002,p.74).

As atividades praticadas pelas crianças são consistentes e adaptadas ao seu modo de ser. O que acontece, muitas vezes, na cultura não - índia, é que o olhar do adulto, moldado e limitado pelas regras sociais já apreendidas, o impedindo-o de compreender o mundo infantil e tende a limitá-lo, porque, pouco acredita no potencial delas.

Em Sangradouro, esse universo vivencial é valorizado, e possui significados para a sociedade xavante.

Em todas as atividades relacionadas com a pesca, tais como procurar minhocas para isca, preparar anzóis e linha, ir para lugares distantes na beira do rio, percebo apenas a participação dos meninos. Sempre muito empenhados e divertidos com a pesca, eles se mostram imensamente orgulhosos quando trazem algum peixe para casa, por pequeno que seja. Cada menino tem seus anzóis e linha. Antes de sair para pescar ele tem de procurar bastante minhocas, o que faz escavando pelo chão úmido da aldeia ou na beira dos caminhos, em época de chuva, e as margens do rio, durante a época mais seca.(...) A caça cativa os meninos desde muito cedo. Embora seja cada vez menos freqüente os homens saírem para caçar, o ethos de caçador continua presente entre os A`uwê – Xavante. Os meninos tem seus arcos e flechas, geralmente feitos pelo pai, tios maternos que ainda vivem na casa, ou irmão mais velhos. Proporcionais ao tamanho de cada menino, também estes são instrumentos de verdade, ou seja, servem mesmo para caçar, e os meninos divertem-se pelas imediações da aldeia, mato adentro, treinando sua pontaria e habilidade de manejo, tentando caçar algum pássaro, lagartixa ou outro animal. Eles também podem fabricar seus arcos e suas flechas, e o fazem bastante, porém dependendo da idade, são mais toscos e funcionais. Contudo servem para o aprendizado de fabricá-los, melhorando-os cada vez, e também para as brincadeiras de arco e flecha que fazem na aldeia ou em volta de sua casa, geralmente imitando caçadores e bichos. (NUNES,2002,p.77).

Desse modo, o conhecimento da criança xavante é composto por formulações que a mesma elabora e processa, a partir do mundo no qual vive. Suas ações são manifestas em



ações particulares e pequenas. São parte de um conjunto, que aos poucos, vai se integrando com o todo, até que compreenda a organização da aldeia, da forma que compreendem os adultos.

### **3.2 – O cotidiano das crianças xavante no momento atual.**

A aldeia de Sangradouro possui algumas peculiaridades que necessitam serem relatadas, para que se possa compreender melhor o dia a dia da aldeia e a comunidade na qual as crianças estudadas crescem e desenvolvem-se. Utilizamos algumas fotos que representam um pouco do que seja o espaço onde vivem, e a cultura à qual participam. As fotos foram feitas durante a realização da pesquisa. Foram selecionadas as fotos que melhor ilustram o cotidiano da aldeia.

Atualmente, Sangradouro é a maior aldeia xavante existente. Conforme apresentamos no início da dissertação, convive com muitos problemas. As crianças de zero a seis anos representam um terço da população. Descrevemos na dissertação, as formas de manifestações das crianças em Sangradouro, manifestações essas, colhidas e apreendidas através de uma etnografia da criança.

Já nos primeiros meses de vida, a criança que vive em Sangradouro faz um contato direto com o mundo dos não-índios. Seus pais vão às cidades comprar alimentos, porque as roças tradicionais, e a própria alimentação extraída da terra não fornecem mais condições de subsistência para os xavante. Mesmo tendo o contato com os não-índios, as crianças utilizam a língua xavante para se comunicarem. Dos zero aos seis anos, são poucos os que falam o português.

Todos os dias as crianças recebem uma refeição (almoço), vindos de recursos da escola. Essa alimentação é fornecida mesmo fora dos dias letivos. A FUNASA tem um posto de atendimento dentro da aldeia com três enfermeiras regulares e um dentista, todos com função exclusiva de atendimento aos xavante de Sangradouro e das aldeias próximas, somando um número total de nove localidades.

È nesse espaço que falamos que a criança brinca e como já dito, esse brincar significa:

Brincar com filhotes de animais do cerrado – aves e outras espécies capturadas pelas crianças ou por adultos nas caçadas – é uma das cenas mais constantes do cotidiano de uma aldeia Xavante. Brincar não significa somente transformar o animal e o vegetal em objetos lúdicos, mas por intermédio das brincadeiras, experimentar sensações tácticas, visuais, auditivas, olfativas e ter uma percepção mental desses seres.(CARRARA, 2002, p.103)

Do mesmo modo, as crianças xavante de Sangradouro também vivenciam esse processo de experimentação. Durante a pesquisa, inúmeras vezes me colocava debaixo de umas árvores no centro aldeia, onde, anotava algumas coisas e observava o desenrolar da vida na aldeia. Constatei que ao mesmo tempo em que as acompanhava, as crianças também o faziam em relação a mim. Os adultos, por sua vez diziam-me que as crianças queriam saber o que eu fazia ali. Não estavam, em momento algum alheias ao que se passa na aldeia. “Todo aprendizado das crianças a respeito do ambiente em que vivem baseia-se em sua atenção, curiosidade, brincadeiras e questionamentos”(CARRARA, 2002, p.105). A criança xavante vivência intensamente tudo o que se passa dentro e fora da aldeia de Sangradouro, segue abaixo algumas brincadeiras das crianças.

“O WAYHI é uma flecha feita com tiras de buriti, sem nenhum perigo para as crianças, pois a ponta não é cortante. Um outro tipo de flechas usadas nos jogos infantis é o O BURUTÈYHI, feita com o talo de uma gramínea; é também inofensiva pois não tem ponta cortante; essas flechinhas são disparadas com pequenos arcos, feitos proporcionais a elas.

O WEDEHU é feito com ramos de árvores, querendo imitar o UYBRO dos adultos; o jogo consiste em lançar os ramos como fazem os adultos com seus instrumentos.

O DUDZAI WATSA é um tufo de raízes de uma espécie de capim chamado barba de bode.

O TOBDAÈ, uma peteca de palhas de milho.

O BOYHO, um cacho feito com frutas de urucu vazias.

Esses são alguns dos jogos realizados pelas Watébrémi, no qual diariamente fazem uma continua rede de interações entre elas, através dessas brincadeiras.

**FIGURA 06 - CRIANÇA XAVANTE PARTICIPANDO DO RITUAL DA “ENTREGA DO BOLO”.**



**FONTE:** MELCHIOR, Marcelo do Nascimento, 2005.

A foto número um mostra uma criança sendo ator e construtor de sua própria história. Entre os xavante, a criança é valorizada e se insere espontaneamente nos valores tradicionais e culturais do grupo. As atividades realizadas são consideradas educativas, pois elas aprendem e partilham uma com a outra de um modo simples e didático sem tantas complicações. Vivem numa constante partilha, tudo é posto em comum, proporcionando desse modo uma sociedade mais justa e igualitária, sem tantas desigualdades.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS.

As reflexões expostas permitem formular inúmeras problematizações a respeito da criança indígena, em especial a xavante. Um campo de investigação muito amplo se abre no que se refere à busca e compreensão do universo simbólico e referencial da criança. Oferecer um espaço significativo a pesquisas sobre o mundo infantil indígena, no meio acadêmico, emerge como algo fundamental nesse processo.

O presente estudo, ao mesmo tempo em que constatou que não existem respostas prontas e fechadas, tampouco permitiu, por sua vez, muitas conclusões. Pretende contribuir, no entanto, para a formulação de questionamentos e de estratégias metodológicas que permitam encontrar outros olhares.

Estamos acostumados em ver as crianças em espaços fechados e formais, tal como a escola. É nesses espaços “escolares” que situamos os processos de ensino e aprendizagem. No entanto, a pesquisa mostrou que as crianças xavante, em seu cotidiano na aldeia, são espontânea em suas manifestações e suas interações com o ambiente e com os outras pessoas. E é nesse contexto aberto, marcado pela espontaneidade e ausência de “paredes”, que as crianças xavante aprendem. É seu espaço educativo por excelência. Ela aprende a partir de suas experiências cotidianas, das imitações que faz das práticas das demais crianças e, também, dos adultos.

Elas brincam no rio, correm pelo warã, participam de rituais, observam e imitam adultos e se divertem com os bichos na aldeia. Tudo é extremamente significativo, sem formalidades com horário. Percebem, porém, mesmo sem a pressão direta dos adultos, que determinados horários, práticas e relações devem ser respeitadas, especialmente o tempo em que podem ficar longe de casa e a relevância das relações familiares, de parentesco.

No decorrer da pesquisa alguns obstáculos foram perpassando por nossas análises. Dificuldade por não falar a língua xavante, não obter respostas de imediato a respeito dos questionamentos estabelecidos, enfim, a observação dos fatos da realidade se dava pela dinâmica da espontaneidade que as próprias crianças iam criando.

Temos um longo caminho para percorrer no que diz respeito ao trabalho de pesquisas com crianças indígenas. As crianças são atores sociais porque fazem um processo de interação, com elas mesmas, com o núcleo familiar, com as instituições e, nesse processo, desenvolvem metodologias próprias. Precisamos construir e aprimorar nossas metodologias de trabalho com essa realidade, que nos permitam chegar efetivamente ao mundo infantil e conhecer esses atores sociais em seu mundo e seus referenciais.

Durante a realização da pesquisa, pude observar que as crianças xavante possuem seu espaço dentro do grupo. É aí que elas fazem suas descobertas e a partilham umas com as outras, envolvendo, nesse processo, todo o grupo, inclusive os adultos. A criança xavante relaciona-se com seu mundo e com o mundo dos adultos (NUNES, 2002). Ou seja, o mundo da criança indígena. O “seu mundo”, é a aldeia toda, com suas intensa e complexas relações com o exterior, com o entorno regional. Os xavante, no processo educacional, transformam o conhecimento num processo constante. As crianças aprendem na escola e na aldeia, não sendo assim, somente a escola o único meio de aprendizagem.

Ainda há muito de tradicional no ensino das crianças indígenas. Quero dar a volta para descobrir nosso próprio sistema, para não nos deixar dominar e fortalecer e enriquecer a cultura. Reconheço a importância do nosso papel na luta pela preservação da cultura Xavante. (Professor Xavante)

A comunidade indígena xavante, em particular os anciãos, possuem uma dedicação exclusiva no que se refere à transmissão dos conhecimentos tradicionais às crianças. O contato que as crianças possuem com os velhos, seja pela observação ou nos momentos informais, permitem que as mesmas estabeleçam meios de interação com o mundo adulto, não sendo ‘imitadores’, mas sim construtores de um outro processo cultural, no qual temos a criança como um sujeito na sociedade xavante, que atua em perspectivas diferentes das do adulto. Sendo assim, as ações das crianças tais como ir à mata, capturar pássaros, as pinturas, são as ações que elas levam por toda vida.

Entre os xavante a relação entre crianças e anciãos, é estreita e bem direcionada. Nesse sentido, ambos realizam um diálogo de reciprocidade, onde aos poucos, as estruturas vão sendo desenvolvidas e preenchidas, existindo uma compreensão das estruturas internas organizacionais entre as anciãos e as crianças. Nessas relações, a escola, também, se faz presente e os anciãos falam e mostram a importância desse processo educacional entre a sociedade. Observemos a fala de um ancião a respeito da relação escola e criança: "Nós queremos a Escola para ensinar as crianças para defender a nossa Comunidade, não queremos acabar com a nossa Cultura", fica aqui evidenciado a visão que os velhos possuem da escola, e o que eles esperam dela para a formação das crianças.

As relações interculturais estão presentes no contexto formativo das crianças entre os xavante, de Sangradouro. Busca-se partilhar um projeto educacional comum ao grupo, possibilitando formas onde existe uma articulação que abranje as crianças até os anciãos. Sendo essas relações expressas, também, nas cidades nas quais os xavante se fazem presentes. Porém, as diferenças não são ainda muito bem vistas diante de alguns não índios. Os xavante

sofrem, ainda, discriminações nas cidades que são próximas às aldeias. Tentar anular a presença dos xavante em alguns meios sociais é algo existente, pois aqueles que ‘não seguem os estereótipos da sociedade’ não podem fazer parte do grupo. Esse é o pensamento de muitos não índios.

A criança xavante dentro do seu contexto cria e transforma a cultura e desenvolve habilidades específicas dessa faixa etária. A pesquisa traz à tona um universo que apresenta inúmeras outras possibilidades de interpretação. Existe, em Sangradouro, um imenso campo de investigações, no qual poderão ser realizadas outras pesquisas com outros olhares.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, J. G. **O Papel da Antropologia, da Lingüística e da Pedagogia na Educação Escolar Indígena**. Congresso Brasileiro de Qualidade na Educação: formação de professores: educação indígena. Brasília, 2002.

ARIÈS, P. **Centuries of Childhood: a Social History of Family Life**. New York:Knopf,1962.

ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família**. Editora: TLC, 1978.

ASSIS, Eneida Corrêa de. **Escola Indígena, uma “Frente Ideológica”?** Dissertação de Mestrado, Unb, Brasília, 1981.

BARTH, Fredrik. **O Guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro RJ. Contra Capa Livraria, 2000.

BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005

BUTLER, I.;SHAW,I.A. **Case of Neglect?Children’s Experiences and the Sociology of Child-hood**.Aldershot:Avebury,1996.

CANDAU, Vera M. F. **Sociedade, cotidiano escolar e cultura(s): uma aproximação**. In: Educação & Sociedade/CEDES nº 79 – Diferenças – Campinas: Cedes, 2002

CARRARA, Eduardo. **Tsi te wara: Um vôo sobre o cerrado xavante**. Dissertação de Mestrado em antropologia. Universidade de São Paulo, 1997.

CHAIM, Marivone Matos. **Aldeamentos Indígenas (Goiás 1749-1811)**. São Paulo: Nobel S/A; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 2ª ed., 1983.

COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2005.

COLL, César. PALACIOS, Jesús. MARCHESI, Álvaro (orgs.). **Desenvolvimento Psicológico e Educação** – vol 2. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

CORSARO, William (1997), **The sociology of Childhood**, London: Pine Forge

CUNHA, M. C. **A história dos índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

DICIONÁRIO Xavante/Português. **Romnhitsi'ubumro a' uwe mreme - waradzu mreme**. Campo Grande: 2003

FREITAS, M.C. (org.). **História Social da Infância no Brasil**. São Paulo: Editora:Cortez, 2001.

GEERTZ, Cliford. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis RJ, Vozes, 1997.

-----**A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro RJ, LTC, 1989.

GIACCARIA, Bartolomeu. **Jerônimo Xavante Sonha, Contos e Sonhos**. Campo Grande: Casa da Cultura, 1975.

GIACCARIA, Bartolomeu. **Ensaio: pedagogia Xavante, Aprofundamento Antropológico**. Campo Grande: MSMT, 1990.

-----**Jerônimo Xavante Conta, Mitos e Lendas**. Campo Grande: Casa da Cultura, 1975.

GUSMÃO, N. **Os desafios da diversidade na escola**. Editores Associados, Campinas SP, 2003.



HEIDE, Adalberto. **Xavante (AUWE UPTABI; Povo Autêntico)**, Pesquisa Histórico – Etnográfica. 2ª Ed. São Paulo: Dom Bosco, 1984.

HEYWOOD, C. **Uma História da Infância**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2004.

KOSHIBA, L. & PEREIRA, D. M.F. **História do Brasil**. São Paulo: Atual, 1993.

KUHLMANN, M. **Educando a Infância Brasileira**. In LOPES, E. M. T. , FARIA FILHO, L. M., VEIGA, C. G. (org). Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2000.

LACHINNIT, Georg. **A Epopéia Xavante**. 1.ed. Campo Grande: UCDB, 2003.

----**Ritos de Passagem do Povo Xavante : Um Estudo Sistemático**. 1.ed. Campo Grande: UCDB, 2002.

LOPES, Aracy da Silva. org. II. Grupioni, Luis Donizete Benzi, Org. **A Temática Indígena na Escola: Novos Subsídios para Professores de 1º e 2º Graus**. Brasília, MEC/MARI/UNESCO, 1995.

LOPES, Aracy da Silva. **Crianças Indígenas: ensaios antropológicos**. São Paulo: Global, 2002.

LOPES, E. M. T., FARIA FILHO, L. M., VEIGA, C.G.(org.) **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2000.

MAYBURY-LEWIS, David. **A Sociedade Xavante**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1984.

MAYBURY\_LEWIS, David. **A Sociedade Xavante**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1974.

MEC. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. Brasília, 1998.

MONTERO, Paula. **Modernidade e cultura para uma antropologia das sociedades complexas**. Tese de Livre Docência, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

NAGLE, J. **Educação e sociedade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

NUNES, A. **A sociedade das crianças A`uwê: Por uma antropologia da criança**. Ministério da Educação, Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1999.

PARDO, José Luis. **El sujeto inevitable**, in: CRUZ, Manuel (org). **Tiempo de subjetividad**. Barcelona: Paidós, 1996.

RIBEIRO, M.L.S. **História da educação brasileira**. Campinas: Editora: Autores Associados, 2003.

ROBERTS, J. M. **O Livro de ouro da história do mundo**. Rio de Janeiro: Editora

SARMENTO, Manuel J. & Pinto, Manuel. **As crianças e a infância: definindo conceitos delimitando o campo**. In: PINTO, Manuel & SARMENTO, Manuel J. (coord.) **As crianças:- Contextos e Identidades**. Braga, Portugal: Centro de Estudos da Criança, 1997.

SEREBURA, Wamreme zara - **Nossa palavra: mito e historia do povo xavante**. São Paulo: Senac, 1998.

SECCHI, Darci. **Diagnóstico da Educação Escolar Indígena em Mato Grosso**. Cuiabá: PNUD/BRA/, 1995.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidade e Diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

-----**Programa das Nações Unidas Para o Desenvolvimento** – Consultoria para Educação Escolar Indígena PNUD/94/006/ Prodeagro.

# ANEXOS

**FIGURA 01 - OS ANCIÃOS DA ALDEIA BEM COMO SEUS PAIS E RESPECTIVOS PADRINHOS FICAM ENCARREGADOS DE TRANSMITIR OS ENSINAMENTOS DA SOCIEDADE XAVANTE.**



**FONTE:** MELCHIOR, Marcelo do Nascimento, 2006.

**FIGURA 02 - NAS DANÇAS, RITOS E CELEBRAÇÕES O MODELO EDUCACIONAL XAVANTE FICA EXPRESSO NA ALDEIA, TORNANDO OS INDIVÍDUOS MAIS FRATERNOS, VALORIZANDO EXTREMAMENTE O “SER” E NÃO O “TER”.**



**FONTE:** MELCHIOR, Marcelo do Nascimento, 2006.

O compromisso, a responsabilidade são meios muito valorizados entre os Xavante e transmitidos em todos os momentos a criança.

**FIGURA 03 - O CESTO DE PALHA É UTILIZADO PARA TRANSPORTAR A CRIANÇA, JUNTAMENTE COM SEUS PERTENCES BEM COMO A COMIDA, NA LÍNGUA XAVANTE ESSE CESTO POSSUI O NOME DE “BACTÉ”.**



**FONTE:** MELCHIOR, Marcelo do Nascimento, 2006.

**FIGURA 04 - A CRIANÇA NA TRADIÇÃO XAVANTE É SÍMBOLO DE PERPETUAÇÃO DO GRUPO**



**FONTE:** MELCHIOR, Marcelo do Nascimento, 2006.

**FIGURA 05 - OS LAÇOS ENTRE PAIS E A CRIANÇA SÃO MUITO FORTES E CONSISTENTES. O AMOR PELA CRIANÇA É UM DADO EXPRESSO EM TODAS AS FAMÍLIAS. A CRIANÇA É EDUCADA A AMAR A SUA FAMÍLIA JUNTAMENTE COM TODOS OS OUTROS DA SOCIEDADE.**



**FONTE: MELCHIOR, Marcelo do Nascimento, 2006.**

**FIGURA 06 - A CRIANÇA XAVANTE DEMONSTRA ESPONTANEIDADE EM TODOS OS MOMENTOS, A ALEGRIA, AS BRINCADEIRAS, FAZEM TAMBÉM, PARTE DA EDUCAÇÃO XAVANTE.**



**FONTE: MELCHIOR, Marcelo do Nascimento, 2006.**



**FIGURA 07 - DESDE PEQUENAS AS CRIANÇAS SÃO SUBMETIDAS A RITUAIS QUE MUITAS VEZES, SÃO DOLOROSOS. NA CONCEPÇÃO DO GRUPO, ESSES RITUAIS SÃO IMPORTANTES PARA DESENVOLVER RESISTÊNCIA NA CRIANÇA, BEM COMO, ENSINÁ-LAS A LIDAR COM AS DIFICULDADES QUE A PRÓPRIA VIDA LHE PROPORCIONARÁ.**



**FONTE: MELCHIOR, Marcelo do Nascimento, 2006.**

**FIGURA 08 - O SORRISO E A ALEGRIA ENCANTADORA DA CRIANÇA XAVANTE**



**FONTE: MELCHIOR, Marcelo do Nascimento, 2006.**

**FIGURA 09 - AS BRINCADEIRAS NO RIO FAZEM PARTE DO DIA A DIA DAS CRIANÇAS.**



**FONTE:** MELCHIOR, Marcelo do Nascimento, 2006.

**FIGURA 10 - A ALIMENTAÇÃO FORNECIDA PELA ESCOLA A TODAS AS CRIANÇAS DE SANGRADOURO DIARIAMENTE.**



**FONTE:** MELCHIOR, Marcelo do Nascimento, 2006.



**FIGURA 11 - VISÃO DA ESCOLA DE SANGRADOURO**



**FONTE:** MELCHIOR, Marcelo do Nascimento, 2006.

**FIGURA 12 - SALA DE AULA**



**FONTE:** SALVATORE, COSMA, 2000.

**FIGURA 13 - CRIANÇA LENDO**



**FONTE:** SALVATORE, COSMA, 2002.

**FIGURA 14 - CRIANÇA ESCRREVENDO**



**FONTE:** SALVATORE, COSMA, 2002.

**FIGURA 15 - CRIANÇA ESTUDANDO**



**FONTE:** SALVATORE, COSMA, 2002.

**FIGURA 16 - CRIANÇAS ESTUDANDO**



**FONTE:** SALVATORE, COSMA, 2002.

**FIGURA 17 - CRIANÇAS RECEBENDO LANCHE**



**FONTE:** SALVATORE, COSMA, 2002.

**FIGURA 18 - BACTÉ COM CRIANÇA XAVANTE**



**FONTE:** SALVATORE, COSMA, 2002.

**FIGURA 19 - BACTÉ COM CRIANÇA XAVANTE**



**FONTE:** SALVATORE, COSMA, 2002.



**FIGURA 20 -BACTÉ COM CRIANÇA XAVANTE**



**FONTE:** SALVATORE, COSMA, 2002.

**FIGURA 21- BACTÉ COM CRIANÇA XAVANTE**



**FONTE:** SALVATORE, COSMA, 2002.

**FIGURA 22 - MÃE COM CRIANÇA XAVANTE**



**FONTE:** SALVATORE, COSMA, 2003.

**FIGURA 23 - MÃE COM CRIANÇA XAVANTE**



FONTE: SALVATORE, COSMA, 2005.

**FIGURA 24 - MÃE COM CRIANÇA XAVANTE**



FONTE: SALVATORE, COSMA, 2005.

**FIGURA 25 - CRIANÇAS LUTANDO**



FONTE: SALVATORE, COSMA, 2005.



**FIGURA 26 - BACTÉ COM CRIANÇA XAVANTE**



**FONTE:** SALVATORE, COSMA, 2006.

**FIGURA 27 - MULHER XAVANTE FAZENDO BOLO**



**FONTE:** SALVATORE, COSMA, 2006.

## ANEXO 28

### EDUCAÇÃO INDÍGENA NO VALE DO ARAGUAIA, EM ESPECÍFICO DA ETNIA XAVANTE NO MUNICÍPIO DE BARRA DO GARÇAS – MT.

O nosso município de Barra do Garças – MT, atende a etnia Xavante por fazer parte do território do município na Educação Básica estendendo em toda Reserva Indígena de São Marcos com a extensão de 11mil hectares, composta de 28 aldeias, nas quais 16 são escolas municipais que funcionam nas aldeias das séries iniciais até ao 9º ano de ensino aos 9 anos, e outras 4 (quatro) são escolas estaduais dirigidos pelos próprios indígenas que concluíram o ensino superior em várias Instituições do Brasil, como por exemplo, a UCDB de Campo Grande – MS, que ajudou avançar as escolas indígenas com os professores qualificados em várias áreas de atuações.

O município de Barra do Garças atende os 1200 crianças matriculados no ano letivo de 2008 dentro da Reserva de São Marcos e com os 600 alunos no Projeto Renascer Segundo Tempo, promovido pela Secretaria Municipal de Esporte e do Ministério do Esporte, com os próprios profissionais atuando nas aldeias e são eles mesmos que lecionam fazem projetos e até encontros Projeto Político Pedagógico – PPP aos professores e funcionários para estabelecer normas e regimentos de cada escolas nas aldeias.

Atualmente temos 16 professores efetivos e entre eles temos 6 professores com Especialização concluídas nas modalidades de alfabetização e séries iniciais da educação infantil e educação específica aos alunos indígenas na Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT. Até ano passado a Prefeitura Municipal Inaugurou 04 Escolas novas em formato de colméia e 5 escolas reformadas e 01 com ampliação e o refeitório para atender 200 crianças do estabelecimento e 01 escolas em formato de Tatu.

Estes são acontecimentos que marcou a nossa história como povo xavante, cidadão barragarcenses que sempre sonharam para ter uma escola de qualidade e profissionais competentes que acompanham todo o avanço do mundo globalizado e tecnológico.

Autor: CRISTÓVÃO TSEREROODI TSÖROPRÉ

Cargo: SECRETÁRIO GERAL DAS ESCOLAS MUNICIPAL INDÍGENA

LOCAL: SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO – Prefeitura de Barra do Garças – MT.



# Mais duas crianças xavantes morrem em Campinápolis

**REVOLTA** Direção da Fundação Nacional de Saúde é acusada de omissão

**Em Brasília lideranças sofrem nova decepção com o governo**

ANSEIAMI/DECS  
Reportagem Local

Mais duas mortes de crianças indígenas xavantes, com menos de 1 ano de idade, foram registradas em Campinápolis (658 quilômetros de Cuiabá), nas aldeias São Pedro e Chão Preto. A causa-morta ainda não foi identificada, e conforme informações de uma enfermeira da Casa de Saúde Indígena de Campinápolis (Casai). Diante da situação, os índios ameaçam iniciar mais protestos. O presidente do Conselho Distrital de Saúde Indígena dos Xavantes (Dsei), Edmundo Dzauwi Omoro – que está em Brasília com outras nove lideranças xavantes – lamenta as perdas e diz que a omissão da Fundação Nacional de Saúde (Funasa) de Mato Grosso e do Distrito Federal resulta na alta da mortalidade indígena. “É chato. Dói pra nós (sic), os únicos que sentem a perda de nossas crianças”, emocionado disse Omoro.

Há indícios de que outra criança tenha morrido no percurso entre Goiás (GO) e Campinápolis. “Vou confirmar isso hoje, porque as mortes aconteceram na sexta (8) e sábado (9), e eu já estava em Brasília”. Nove lideranças indígenas chegaram a Brasília ontem, e foram direto à sede da Funasa falar com o presidente Danilo Bastos Forte. “Decepção foi o termo utilizado pelo presidente do Conselho do Dsei, ao se referir ao encontro. “Nada foi solucionado. Como sempre, nessas reivindicações não saem do papel. Querem matar nós no cansaço (sic)”, criticou Edmundo. Durante a reunião, o clima foi de omissão por parte



Índios sofrem com falta de assistência nas aldeias xavantes

Confiança  
Agilidade  
Privacidade

# DNA

Teste de Paternidade

dnaworld

(65) 3023-0555

da Funasa, de acordo com o grupo indígena. “Cobramos respeito para com nosso povo”.

Na pauta de reivindicações dos xavantes consta a nomeação de Nivaldo Correio Neto para a chefia do Distrito de Barra do Garças. No momento, o cargo é exercido por José Henrique Leite, que substituiu Marley Arantes de Oliveira, exonerada no último dia 4 de janeiro. Os índios afirmam que o Distrito

tem sido alvo de políticos. “Não vamos admitir que nossa saúde seja entregue nas mãos de pessoas que visam dinheiro e cargo político”, indagou o cacique da aldeia Nossa Senhora Aparecida, em Barra do Garças (509 quilômetros de Cuiabá), Domingos Caetano Tsernhl’Ru Meriti. Os grupos indígenas xavantes prometem encerrar a luta, caso a Funasa mantenha discussões com o assunto.

**Nova reunião está marcada para esta terça**

“Quem vai trazer as almas de nossas crianças de volta”, lamentou Edmundo. Na próxima segunda-feira (18), a sede do Dsei em Barra do Garças será fechada novamente como protesto a ser feito pelos xavantes. “A voz de usuário terá que ser respeitada de uma vez por todas”. Várias denúncias foram feitas ontem ao presidente da Funasa. A falta de medicamento, o saneamento precário e o desvio de aquisição de combustível são algumas das irregularidades apresentadas ao presidente. “Esses são apenas alguns dos sérios problemas que enfrentamos”, pontuou. “Ninguém vai deixar de graça... nossa luta continua”.

As lideranças indígenas permanecerão na capital federal até sexta-feira. Hoje à tarde eles voltam a se reunir na Funasa. (AM)



## ANEXO 31

Este poema relata a importância da criança e faz uma significativa comparação delas em versos, valorizando sua simplicidade de ser criança.

*A GENTE MORAVA NO patrimônio de Pedra Lisa. Pedra Lisa era um arruado de 13 casas e o rio por detrás. Pelo arruado passavam comitivas de boiadeiros e muitos andarilhos. Meu avô botou uma venda no arruado. Vendia o toucinho, freios, arroz, rapadura e tais. Os mantimentos que os boiadeiros compravam de passagem. Atrás da Venda estava o rio. E uma pedra que aflorava no meio do rio. Meu Avô, de tardezinha, ia lavar a pedra onde as garças pousavam e cacaravam. Na pedra não crescia nem musgo. Porque o cuspe das garças tem um ácido que mata no nascedouro qualquer espécie de planta. Meu avô ganhou o desnome de Lavrador de Pedra. Porque toda tarde ele ia lavar aquela pedra.*

*A venda ficou no tempo abandonada. Que nem uma cama ficasse abandonada. É que os boiadeiros agora faziam atalhos por outras estradas. A venda por isso ficou no abandono de morrer. Pelo arruado só passavam agora os andarilhos. E os andarilhos paravam sempre para uma prosa com meu avô. E para dividir a vianda que a mãe mandava para ele. Agora o avô morava na porta da Venda, debaixo de um pé de jatobá. Dali ele via os meninos rodando arcos de barril ao modo que bicicleta.*

*Via os meninos que jogavam bola de meia ao modo que de couro. E corriam velozes pelo arruado ao modo que tivessem comido canela de cachorro. Tudo isso mais os passarinhos e os andarilhos era a passagem do meu avô.*

*Chegou que ele disse uma vez: Os andarilhos, as crianças e os passarinhos têm o dom de ser poesia é muito bom!*

*Manoel de Barros – Memórias Inventadas para Crianças, 2006.*

## ANEXO 32

### “Brincadeiras”

NO QUINTAL A GENTE GOSTAVA de brincar com palavras mais do que  
bicicletas.

Principalmente porque ninguém possuía bicicleta.

A gente brincava de palavras descomparadas. Tipo assim:

O céu tem três letras

O Sol tem Três letras

O inseto é maior.

O que parecia um despropósito

Para nós não era despropósito.

Porque o inseto tem seis letras e o sol só tem três

Logo o inseto é maior. (Aqui entrava a lógica?)

Meu irmão que era estudado falou quê lógica quê nada

Isso é um sofisma. A Gente boiou no sofisma.

Ele disse que sofisma é risco n`água. Entendemos tudo.

Depois Cipriano falou:

Mais alto do que eu só Deus e os passarinhos.

A dúvida era saber se Deus também avoava

Ou se Ele está em toda parte como a mãe ensinava.

Cipriano era um indiozinho guató que aparecia no

Quintal, nosso amigo. Ele obedecia a desordem.

Nisso apareceu meu avô.

Ele estava diferente e até jovial.

Contou-nos que tinha trocado o Ocaso dele por duas andorinhas.

A gente ficou admirado daquela troca.

Mas não chegamos a ver as andorinhas.

Outro dia a gente destampamos a cabeça de Cipriano.

Lá dentro só tinha árvore árvore árvore

Nenhuma idéia sequer.

Falaram que ele tinha predominâncias vegetais do que platônicas.

Isso era.

## ANEXO 33

### Ai´repudu A PRISÃO DO AI´REPUDU

Um ai´repudu roubou um porco do warazu. Eles estavam assando o porco no wa´ra (jirau feito com galhos verdes para preparar a caça ou peixes). Os warazu viram o menino assando o porco e chamaram os outros, dando sinal com assobios. Quando o patrão ouviu o assobio, ele atendeu logo, pensando que podia ser grave. O patrão perguntou o que era e os empregados falaram que o rapaz tinha matado um porco.

Assim que o ai´repudu terminou de comer a carne do porco, ele se lavou com uma folha de cheiro muito forte.

Aí o rapaz apanhou. O warazu bateu nele. Os outros ai´repudu falavam:

- Revida! Reage!Dá o troco também..

Era grande o grupo de ai´repudu. O dono do porco estava batendo nos rapazes. Eles estavam esperando o fazendeiro acabar de bater em todos. Quando ele terminou de bater no último, esse rapaz reagiu e começou a bater no warazu. O warazu gemia.

- Asururu! Asururu...

Não. Não deve ser asururu...nunca ouvi warazu gritar assim. Deve ser ai ai ai. Quem revidou foi o Mandu. Esse era o nome dele. Só ele que reagiu. Quando o warazu parou de apanhar e se recuperou, levantou e prendeu o rapaz com uma corda nos pulsos. Jogou o ai´repudu na cadeia. Mandu foi o primeiro A`uwê preso.

Assim que o warazu o prendeu, ele gritou:

- Kõe! Kõe, Kõe, Kõe...

Essa foi a primeira vez que o ai`repudu gritou assim. Assim ele criou o grito de chamada dos rapazes.

O warazu ficou com dó desse grito e fez:

- Hum! Hummm!

Ficou comovido. O grito mexeu muito com ele. Mandu gritou de novo dentro da cadeia:

- Kõe! Kõe, Kõõõe...

Assim criou o grito para chamar os rapazes de madrugada.

Ficaram com dó. O fazendeiro mandou um peão soltar o rapaz:

- Meu patrão mandou te soltar.

- Não! Seu patrão não estava com raiva de mim? Então deixa eu ficar aqui...

Mas como que ele queria ficar lá?Ele já estava tão sequinho...Porque o fazendeiro ficou com dó?

Warazu é assim mesmo...é sentimental. Fica com dó muito rápido.

O peão levou o rapaz até o patrão. O warazu deu um abraço bem forte nele.

Pensei que essa história de prender as pessoas acontecesse só aqui. Mas depois que eu vi que isso acontece em todo lugar. Pensei que o Mandu era a primeira pessoa que tivesse sido presa.

É assim que é a história. Esse é o povo antigo. Do tempo que tinha poder.

## ANEXO 34

### WAHIRADA

#### CONFLITO E DIVISÃO

Mesmo os wahirada tendo muito poder, o povo reagia. Foi aí que aconteceu, nozomori. Um homem foi morto.

Houve uma caçada no zomori. Muita gente saiu junto e na mata se dividiram. Aí aconteceu isso, em Suparaniwi, que hoje é a cidade de Água Boa, onde os gaúchos desmataram tudo. Lá havia muita caça, muitas frutas...

Depois da morte, os wahirada não demonstraram que estavam zangados. Mesmo assim não esqueceram o que aconteceu. O Sentimento ficou guardado dentro deles, sem demonstrar. Foi programado então para acontecer abahi rãihidiba (cerimônia de nomeação das mulheres). As mulheres foram todas levadas para caçada. Os homens voltaram para trás porque os Ôwawê tinha desconfiança.

Ele foi morto no tempo das chuvas.

Os wahirada decidiram liderar o povo. Deram ordem para que o povo comesse junto. Foi no Tepebõ niwi. Saíram em zomori. O povo saiu na caminhada e os mais velhos ficaram para trás, observando.

Os wahirada decidiram liderar o povo. Deram ordem para que o povo comesse junto. Foi no Tepebõ niwi. Saíram em zomori. O povo saiu na caminhada e os mais velhos ficaram para trás, observando.

Os responsáveis pela morte estavam sempre protegidos. O outro clã sempre observando. Não esqueciam. Nesse lugar, no Tepebõ, pararam para fazer uma pescaria com cipó. Cortaram muito cipó e começaram a bater. Um grupo foi na beira do lago para vigiar, mas os homens estavam sempre protegidos. Flecharam muito peixe para o acampamento. Os que estavam vigiando também voltaram para trás. Vai acontecer no Warã...

Tinha muita vigilância, mas os dois que estavam vigiando também voltaram para trás. Vai acontecer Warã...

Tinha muita vigilância, mas os dois eram muito corajosos. Hoje nós somos tão corajosos. Eles não tiveram dó. Buruwê e Seburã, meu avô, eram muito fortes e altos. Eram irmãos. Eles queriam justiça pela morte.

As disputas que acontecem hoje são antigas. São de várias gerações passadas. Ninguém g  
do nome do nome Sereburã porque esse antigo Sereburã, meu avô, foi quem matou.

O Warã aconteceu. Com muita gente. Os gritos chamavam o povo:

-Kõe! Kõe, Kõe, Kõe...

E o povo ia chegando, chegando. Muita gente... Uma discussão antes do Warã decidiu pela  
morte dele. Os velhos falaram segurando forte Uibró. Um dos dois não concordou com a  
morte dele. Os velhos falaram segurando forte o Uibró. Um dos dois não concordou com a  
morte porque ele sentiu pena.

Os avós dos meus cunhados eram valentes, não perdiam tempo. Anoiteceu, ficou muito  
escuro...eles se pintaram para guerrear.

Amanheceu. Eles saíram das casas de uma das pontas da aldeia, depois da outra ponte, depois  
das outras casas.